

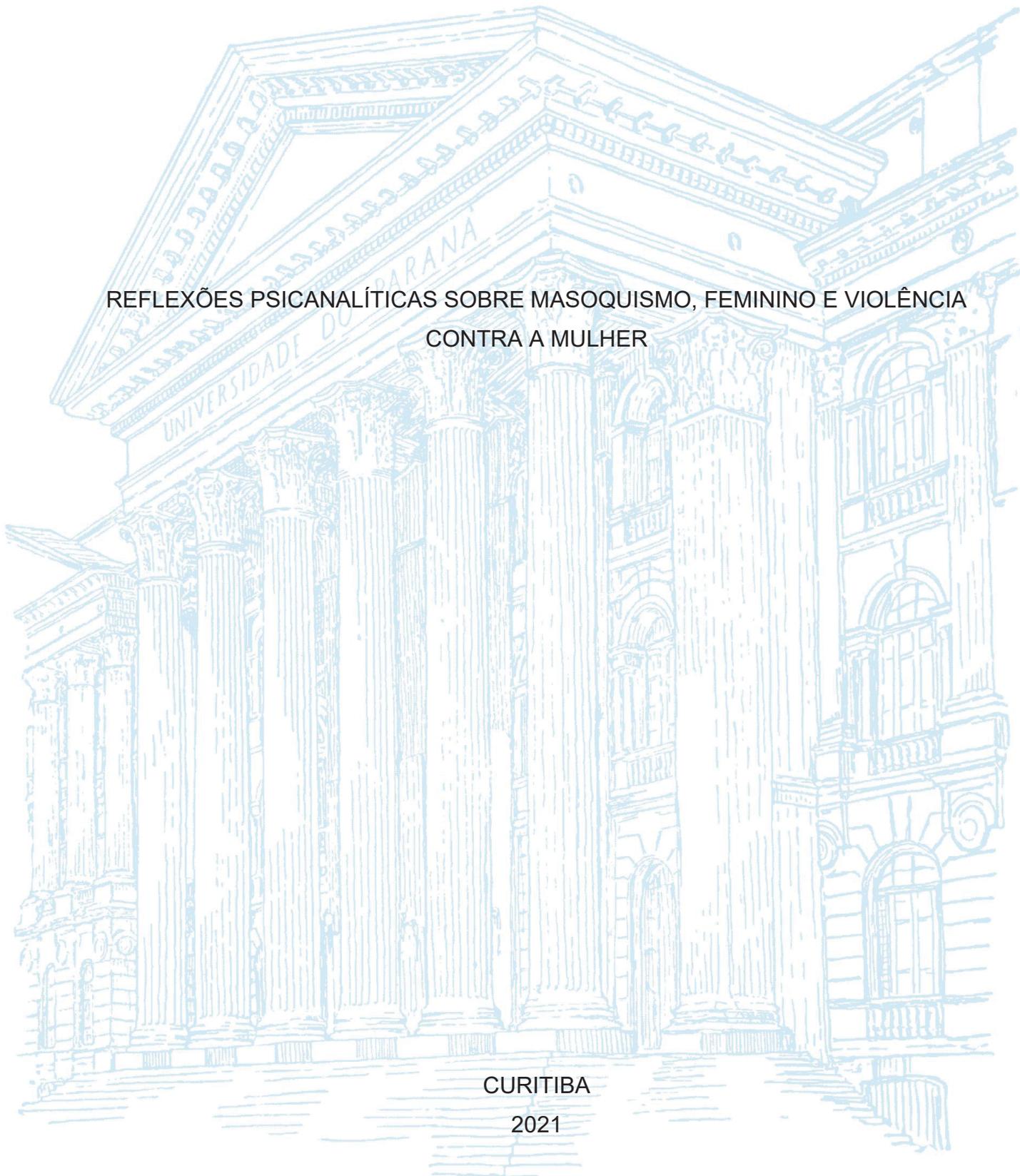
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

PRISCILA FERREIRA FORTINI

REFLEXÕES PSICANALÍTICAS SOBRE MASOQUISMO, FEMININO E VIOLÊNCIA
CONTRA A MULHER

CURITIBA

2021



PRISCILA FERREIRA FORTINI

REFLEXÕES PSICANALÍTICAS SOBRE MASOQUISMO, FEMININO E VIOLÊNCIA
CONTRA A MULHER

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Setor de Psicologia, Universidade Federal do Paraná, como requisito à obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientadora: Profa. Dra. Rosane Zétola Lustoza

CURITIBA

2021

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Aparecida Noeli Furquim Geffer – CRB 9/1309

Fortini , Priscila Ferreira
Reflexões psicanalíticas sobre masoquismo, feminino e violência contra a
mulher / Priscila Ferreira Fortini – Curitiba, 2021.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Setor de Ciências Humanas da
Universidade Federal do Paraná.

Orientadora : Prof^a. Dr^a. Rosane Zétola Lustoza

1. Masoquismo. 2. Psicanálise. 3. Violência contra mulheres. 4. Violência
familiar. I. Lustoza, Rosane Zétola. II. Título.

CDD – 155.3



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PSICOLOGIA -
40001016067P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação PSICOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **PRISCILA FERREIRA FORTINI** intitulada: **Reflexões psicanalíticas sobre masoquismo, feminino e violência contra a mulher**, sob orientação da Profa. Dra. ROSANE ZÉTOLA LUSTOZA, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 29 de Outubro de 2021.

Assinatura Eletrônica

03/11/2021 17:37:30.0

ROSANE ZÉTOLA LUSTOZA

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

05/11/2021 11:43:24.0

GRACIELA DE LIMA PEREIRA BESSA

Avaliador Externo (ESCOLA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE)

Assinatura Eletrônica

03/11/2021 17:07:07.0

DEBORA PATRICIA NEMER PINHEIRO

Avaliador Externo (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ)

Praça Santos Andrade, 50, 2o andar - CURITIBA - Paraná - Brasil
CEP 80060-010 - Tel: (41) 3310-2644 - E-mail: pgpsicologia@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.
Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 124314

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp>
e insira o código 124314

A todas as mulheres que sobreviveram ao encontro
com a face trágica do amor.

AGRADECIMENTOS

Ao meu companheiro Eduardo, por estar sempre ao meu lado, na vida e no desafio de escrever durante uma pandemia. E principalmente, por me fazer sorrir e persistir nos momentos mais difíceis.

À orientadora professora doutora Rosane Zétola Lustoza, por apostar e incentivar minha proposta de pesquisa e por tudo o que aprendi nessa jornada.

À professora doutora Débora Patrícia Nemer Pinheiro por aceitar e contribuir com a pesquisa. Pela generosidade e cuidado no modo de transmitir o saber constituído na clínica.

À professora doutora Graciela De Lima Pereira Bessa, por acolher minha proposta de trabalho, apontar caminhos pertinentes e me inspirar na pesquisa e escrita sobre o masoquismo e o feminino.

À professora doutora Elaine Cristina Schmitt Ragnini pelas contribuições na qualificação e na organização da pesquisa. Pela confiança e convite para integrar o projeto Aliança de Mulheres Migrantes, Apátrias e Refugiadas (AMMAR/UFPR).

À Célia, minha sogra querida, pelo incentivo, apoio e suporte de *bed and breakfast*.

À Agnes, amiga que o mestrado trouxe para minha vida, por todo apoio logístico e emocional. Pelos cafés, almoços e figurinhas de WhatsApp maravilhosas.

Aos meus amigos que sempre estiveram comigo desde a construção do projeto, pelo incentivo e carinho: Sarita, Vítor, Melissa, Rogério, Irina e Diana.

Ao Gabriel, amigo dos sonhos utópicos, por me ajudar a questionar o *status quo* psicanalítico e ir muito além do que sonhávamos aos 15 anos.

À Claudia, por sonhar junto, pelos desabafos síncrono e assíncronos e por todo aprendizado sobre a clínica com migrantes.

Aos companheiros do programa de pós graduação que só conheço por vídeo chamadas: Rafael, Marcelo, Rosangela e Ana Sofia.

À Bruna, secretária do programa do pós graduação em Psicologia, pela agilidade e parcimônia em resolver os tramites burocráticos do mestrado e suportar as pequenas insanidades dos estudantes.

À Luana Karan e ao Centro de Assessoria de Publicação Acadêmica (CAPA) pelas supervisões e todo apoio à construção do texto.

Dia ímpar tem chocolate
Dia par eu vivo de brisa
Dia útil ele me bate
Dia santo ele me alisa
Longe dele eu tremo de amor
Na presença dele me calo
Eu de dia sou sua flor
Eu de noite sou seu cavalo
(*Sem açúcar*, Chico Buarque,
1975)

RESUMO

A violência contra a mulher praticada por parceiro íntimo não é só um problema de saúde pública, mas também um fenômeno que levanta questões à psicanálise. Tanto na cultura como na psicanálise, a violência tende a ser compreendida como um fenômeno que remete a uma experiência de satisfação na dor registrado apenas do lado das mulheres. Haveria, então, um masoquismo propriamente feminino? Em busca dessas especificidades, propôs-se nessa pesquisa analisar como o desenvolvimento do conceito de masoquismo feminino repercute sobre a compreensão da mulher no campo analítico. Por meio do método psicanalítico de pesquisa, percorreu-se o caminho teórico proposto por Freud e Lacan em torno do masoquismo feminino, em buscas de conceitos para subsidiar uma reflexão clínica sobre casos de mulheres em situação de violência doméstica. Para tanto, utilizou-se a análise de uma vinheta clínica, para refletir sobre o contexto de atendimento psicanalítico em saúde pública, de mulheres enredadas em situações de amor e dor. Concluiu-se que Lacan promove um deslocamento da questão do masoquismo feminino, que havia se encaminhado para via imaginária, promovendo uma outra perspectiva de análise sobre o feminino a partir da sexuação. Ao enfatizar a relação do sujeito com o objeto *a* o autor localiza na dimensão simbólica da fantasia, a posição que uma mulher pode ocupar em sua relação com o homem. Assim, na intersecção entre amor e castração, encontrou-se uma dissimetria entre os sexos no modo de lidar com a falta, a castração e amor no campo das parcerias sexuais.

Palavras-chave: Masoquismo. Psicanálise. Violência contra mulheres. Violência familiar.

ABSTRACT

Intimate partner violence against women is not only a public health problem, but also a phenomenon that raises questions for psychoanalysis. Both in culture and in psychoanalysis, violence tends to be understood as a phenomenon that refers to an experience of satisfaction in pain registered only on the side of women. Would there be, then, a properly feminine masochism? In search of these specificities, this research proposed to analyze how the development of the concept of female masochism affects the understanding of women in the analytical field. Through the psychoanalytic research method, the theoretical path proposed by Freud and Lacan was followed around female masochism, in search of concepts to support a clinical reflection on cases of women in situations of domestic violence. Therefore, the analysis of a clinical vignette was used to reflect on the context of psychoanalytical public health care, of women entangled in situations of love and pain. It was concluded that Lacan promotes a displacement of the issue of female masochism, which had moved to the imaginary path, promoting another perspective of analysis on the female through sexualization. By emphasizing the subject's relationship with the object, the author locates in the symbolic dimension of fantasy, the position that a woman can occupy in her relationship with a man. Thus, at the intersection between love and castration, a dissymmetry between the sexes was found in the way of dealing with lack, castration, and love in the field of sexual partnerships.

Keywords: Masochism. Psychoanalysis. Violence against women. Family violence.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
1.1 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA	19
2 DO MASOQUISMO AO MASOQUISMO FEMININO: NA LITERATURA, NA PSIQUIATRIA E NA PSICANÁLISE	23
2.1 DISCURSO MÉDICO E A PSICOPATOLOGIA DA VIDA SEXUAL	23
2.2 AS PRIMEIRAS CONCEPÇÕES PSICANALÍTICAS EM TORNO DO BINÔMIO SADISMO-MASOQUISMO.....	27
2.3 DA FANTASIA MASOQUISTA AO MASOQUISMO FEMININO	32
2.4 A PROBLEMÁTICA FREUDIANA SOBRE O MASOQUISMO FEMININO.....	39
2.4.1 Complexo de castração e feminino: resoluções (im) possíveis	43
3 O ENCONTRO DE LACAN COM O MASOQUISMO FEMININO	48
3.1 CONTEXTO E REPERCURSÕES DO MASOQUISMO FEMININO NO CAMPO ANALÍTICO	48
3.2 DA CRÍTICA CONTEXTUAL À PROPOSIÇÃO CONCEITUAL: NOVOS CAMINHOS PARA O MASOQUISMO E O FEMININO	51
3.2.1 Masoquismo, perversão e feminino.....	58
3.3 O (DES) ENCONTRO ENTRE O SEXOS: AMOR E FALTA	62
4 CLÍNICA PSICANALÍTICA E A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER	72
4.1 UMA CLÍNICA EM TRÂNSITO.....	72
4.2 BATE-SE EM OUTRA MULHER: UM CASO DE AMOR E DOR	75
4.2.1 Reflexões clínicas no contexto de violência contra a mulher	77
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS	92

1 INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher¹ é considerada um grave problema global de saúde pública em virtude de sua expressiva incidência na sociedade. Estima-se que uma a cada três mulheres sofreu algum tipo de violência física e/ou sexual ao longo da vida, praticada por parceiro íntimo ou por terceiros. (ORGANIZAÇÃO PAN AMERICANA DE SAÚDE (OPAS), 2017).

Entre as diversas formas de violência contra a mulher, uma das mais conhecidas no Brasil é a violência perpetrada por parceiro íntimo, que “se refere ao comportamento de um parceiro ou ex-parceiro que causa danos físicos, sexuais ou psicológicos – incluindo agressão física, coerção sexual, abuso psicológico e comportamentos de controle” (OPAS, 2017, não p.).

Por sua extensão danosa, a violência contra mulher está intimamente ligada à possibilidade de um desfecho trágico como o feminicídio². Cerqueira (2020) ilustra que, em 2018, quatro mil, quinhentas e dezenove mulheres foram mortas por seu parceiro ou ainda: a cada duas horas uma mulher foi assassinada no Brasil. O país acompanha a tendência mundial, na qual 38% dos assassinatos de mulheres foram cometidos por um parceiro do sexo masculino. (OPAS, 2017).

De modo geral, o feminicídio é o resultado extremo e final de uma longa jornada de violências sofridas pelas mulheres e praticadas por pessoas íntimas ou conhecidas dentro de casa. Os riscos são aumentados quando o agressor é dependente químico, tem acesso a armas de fogo e reside no mesmo endereço da vítima. (CERQUEIRA, 2020).

Ampliando esse cenário trágico, com a pandemia de COVID 19 houve um aumento na incidência de violência contra mulher. Segundo o relatório do *The World Bank Group* (2020), os dados brasileiros nos meses de março a abril de 2020 apontam para um aumento de 27% nas denúncias recebidas. Com isto se observou

¹ O termo “violência contra a mulher” pode ser entendido como um guarda-chuva que abriga distintos conceitos, disciplinas, tipificações e epistemologias. Para esta pesquisa, optou-se por utilizar “violência doméstica” e “violência contra a mulher” como sinônimos da violência perpetrada por parceiro íntimo.

² A lei nº 13.104, de 9 de março de 2015, alterou o Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio. Dispõe sobre o feminicídio: “VI - contra a mulher por razões da condição de sexo feminino: § 2º -A Considera-se que há razões de condição de sexo feminino quando o crime envolve: I - violência doméstica e familiar; II - menosprezo ou discriminação à condição de mulher”.

o aumento de 22% nos casos de feminicídio em comparação ao mesmo período de 2019.

Deve-se frisar que esses números não são a exata expressão da realidade. A grande maioria das mulheres que sofrem violência não busca o sistema público, onde são organizados os dados e produzidas as estatísticas, ou quando são atendidas, alguns profissionais não notificam os casos por compreensões subjetivas diversas sobre a mulher. Tem-se então, apenas um esboço do cenário atual.

Dentro desse cenário, no contexto de trabalho em saúde pública, se inscreve a experiência clínica da pesquisadora e deriva o problema de pesquisa

No trabalho clínico com mulheres que foram violentadas por seus parceiros, ouviu-se histórias de vida e de amores marcadas por humilhações constantes, agressões físicas, ambivalências, hematomas e submissão, independentes de classe social ou escolaridade.

Todavia, não deixa de ser surpreendente a ocorrência de casos em que, mesmo com a vida em risco, elas voltam a conviver com o parceiro agressor - ainda que algumas possuam condições materiais e sociais para se afastarem dos companheiros. São histórias cujo desfecho é repetitivo, seja porque a paciente volta para o parceiro-agressor, seja porque encontra novas parcerias com as mesmas características. E aqui surge uma questão constante no atendimento desses casos: por que elas parecem permanecer amarradas a esse roteiro de amor e dor?

Importante ressaltar que não se tem a intenção de propor uma “categoria de mulheres”, apenas apontar algumas semelhanças encontradas em diferentes casos, que provocaram interrogações durante esse percurso.

Deste modo, as repetidas cenas de flagelo, as similaridades trágicas entre as histórias das mulheres interrogam e ensejam o presente trabalho de pesquisa. Posto que a pesquisadora está imersa no trabalho com amplas contradições sociais e violências, é necessário se manter atento e não perder de vista o sujeito e suas singularidades, assim como sua orientação clínica: a psicanálise.

Costumeiramente, por conta de uma tendência cultural e do processo sócio-histórico que permeiam a representação da mulher na sociedade brasileira, o tratamento dos casos de violência contra elas tem sido orientado por respostas de

culpabilização da vítima³, de tal modo que não é incomum ouvir que uma mulher que permanece ou retorna para um relacionamento violento usufrui de um certo prazer na dor infligida. Os movimentos de emancipação feminina repudiaram com justiça esse tipo de interpretação, já que estas só fazem reproduzir a espiral de violência na qual a mulher já se encontra submetida em seu cotidiano.

Contudo, muitas vezes tais movimentos acabam incluindo a psicanálise no rol de teorias que (supostamente) culpabilizam a mulher. Este equívoco tem como um de seus pontos nodais o controvertido conceito freudiano de masoquismo feminino.

Na psicanálise um dos nomes do prazer na dor é o masoquismo. Além disso, não é incomum encontrar associações entre o masoquismo e a mulher, no movimento psicanalítico. O próprio Freud (1924) denominou de masoquismo feminino, uma das apresentações da economia masoquista.

Do senso comum à psicanálise, um fenômeno que remete a uma experiência de satisfação na dor - registrado apenas do lado das mulheres - parece ter sido capturado. O que leva a indagar: haveria um *masoquismo* propriamente *feminino*?

Assim, em buscas das possíveis especificidades do masoquismo na mulher e sua relação com as repetidas cenas de violência, este estudo se propõe a problematizar como o desenvolvimento do conceito de *masoquismo feminino* de Freud a Lacan repercute sobre a compreensão da mulher e do feminino no campo analítico. E partindo desta revisão, busca-se discriminar os operadores conceituais que possam auxiliar o analista na sua prática com casos semelhantes.

Para tanto, o método utilizado é o da pesquisa em psicanálise, que segue pormenorizado adiante.

³ Como exemplo, é citada a reportagem de Mariana Kotscho, publicada em 17/12/2020, “Não tô nem aí para a Lei Maria da Penha. Ninguém agride ninguém de graça”: Juiz desdenha da Lei Maria da Penha em audiência da Vara de família e destrata uma advogada e a cliente dela”. Disponível em: <https://papodema.uol.com.br/noticias/nao-to-nem-ai-para-a-lei-maria-da-penha-ninguem-agride-ninguem-de-graca-diz-juiz-em-audiencia.html>

1.1 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

O caminho percorrido na presente pesquisa está intimamente vinculado à experiência da pesquisadora, sendo, por isso, relevante um adendo sobre essa prática, que será discutida ao final do trabalho. Por se referir à experiência da autora, optou-se por apresentar o próximo trecho em primeira pessoa.

Ao longo de dez anos, como profissional de Psicologia na saúde pública, entrei em contato direto ou indireto com mulheres violentadas pelo parceiro íntimo. Em 2012 comecei a trabalhar no cargo de psicóloga em Guarapuava (PR), no mesmo ano em que o município ficou em 96º lugar no Brasil no ranking nacional de violência contra a mulher e, em 11º no Paraná. Dentro desse enquadre, participei da fundação e formação da Rede Municipal e Intersectorial de Enfrentamento à Violência Contra a Mulher e da construção de políticas públicas para mulheres.

Além do consultório particular, atuo em um ambulatório municipal responsável pelo diagnóstico e tratamento de pessoas que convivem com vírus do HIV, sendo técnica responsável pelos casos de violência sexual e doméstica.

Na extensão universitária, integro o Núcleo Maria da Penha - Guarapuava (NUMAPE), projeto de extensão da Universidade Estadual do Centro Oeste, responsável pelo acompanhamento interdisciplinar de mulheres com medidas protetivas e em risco de vida. E sou colaboradora no projeto Aliança de Mulheres Migrantes, Apátridas e Refugiadas (AMMAR) da UFPR, que trabalha com mulheres migrantes em situação de violências de gênero. O AMMAR é desenvolvido pelo Programa Política Migratória e Universidade Brasileira, dentro da extensão universitária da UFPR e integra os projetos: Hospitalidade, Migração e Refúgio (Direito) e Migração e Processos de Subjetivação: Psicologia, Psicanálise e Política na Rede de Atendimento ao Migrante (Psicologia).

Isto posto, do cenário em que se inscreve a pesquisa, é possível corroborar com Laurent (2007) que observa que o dispositivo psicanalítico quando aplicado ao campo da saúde pública possui particularidades convocando o analista a sair de um lugar esmaecido para uma posição ativa e implicada ao contexto social. Neste contexto o psicanalista deveria transpor sua posição de analista da desidentificação para uma posição de analista cidadão, sendo aquele que compreende a comunhão de interesses entre a democracia e o discurso analítico.

A investigação em psicanálise é, então, um dos modos de implicar o analista na sua práxis. A pesquisa é uma forma de transmissão da psicanálise na qual o analista pode construir formas de “transmitir à humanidade o interesse que a particularidade de cada um tem para todos” (LAURENT, 2007, p. 145), transformando-a em um instrumento útil para a sociedade.

No início do trabalho, notou-se que as pesquisas sobre a temática tendiam a uma leitura descritiva da violência, na qual sujeito e subjetividade ficavam obturados. Em oposição a esse discurso, não se pretende abordar a violência, mas sim, buscar indicações no texto psicanalítico que possam ensinar sobre o singular de cada mulher, em situações que, à primeira vista, podem parecer semelhantes, como a violência doméstica. Como sublinha Žižek (2014), a violência visível que causa horror, produz em si um engodo fascinante. E para não ser seduzido por esse engano, é preciso dar um passo para trás no sentido de buscar o que subjaz aos sinais mais evidentes desta violência.

O “passo para trás” foi buscar na teoria psicanalítica uma sustentação para se pensar as relações do sujeito feminino com o Outro, regidos pela Ética da psicanálise, de modo a não reproduzir a captura subjetiva ao binômio vítima-agressor.

Desta forma, a trajetória metodológica foi sustentada na metodologia de pesquisa em psicanálise. Como descrevem Figueiredo e Minerbo (2006) este tipo de pesquisa pressupõe a presença de um psicanalista, na qual há uma supressão do limiar entre pesquisador e referencial teórico, colocando o pesquisador-psicanalista em um corpo-a-corpo com a psicanálise, no qual ambos saem transformados. Os autores definem que (2006, p. 261):

O leitor de um texto, por exemplo, responde ao apelo de leitura que tal peça constitui e ao responder seriamente a tal demanda — ao ler com devoção, cuidado e liberdade o texto — dá a ele novo fôlego, novas possibilidades interpretativas, novo futuro. Um texto, ao ser bem lido, renova-se e sai da experiência de leitura em direção a um porvir que, por outro lado, fazia parte, como possibilidade, do que o texto já “era”, mas a que não acederia sem o concurso do leitor que responde do seu modo a tal apelo. Passa a existir assim, a cada boa leitura, na condição de texto descoberto e inventado.

Este modo de trabalho segue o ensino de Freud (1923/1996a) no qual a relação entre clínica e pesquisa na psicanálise ocorre tanto como um trabalho

terapêutico quanto em uma investigação científica por ser um conjunto de saberes em constante expansão e reformulação.

A pesquisa, a inovação e a investigação clínica são termos indissociáveis à psicanálise desde a origem. Nogueira (2004) defende a tese de que a psicanálise é uma experiência original e que a partir dos ensinamentos de Lacan, tornou-se possível formalizar a novidade dessa ciência com segurança. Além disso, nos lembramos Iannini e Tavares (2019, p. 13):

[...] a polarização da recepção da psicanálise freudiana coloca-nos diante de uma exigência. Uma exigência de leitura atenta não apenas à letra do texto e à clínica que ela funda, mas também a aspectos biográficos, a contextos históricos e sociais, ao contexto institucional do debate interno à comunidade psicanalítica e, claro, à própria recepção da psicanálise.

Orientada por essa perspectiva, a pesquisa foi dividida em etapas. Na primeira, realizou-se um mapeamento, seleção e leitura de textos de Freud, Lacan e comentadores que versavam sobre o masoquismo feminino.

Com Freud, foram selecionados os textos da origem aos desdobramentos do conceito *masoquismo feminino*, que foi formalizado no trabalho *O problema econômico do masoquismo* (FREUD, 1924/2007).

No que tange aos textos lacanianos, foi feito um levantamento preliminar, por meio da pesquisa em arquivos digitais (formato pdf) das obras de Lacan, em português (arquivo pessoal), com a palavra-chave “masoquismo feminino”. O termo foi encontrado nos seguintes textos: O Seminário livro 5: as formações do inconsciente (1957-58/1999); Escritos (1960/1998); O Seminário livro 10: a angústia (1962-63/2005), O Seminário livro 11: os quatro conceitos fundamentais (1964/2008a) e O Seminário livro 14, a lógica do fantasma (1966-67/2008). Os capítulos foram então lidos e analisados.

Para a revisão de literatura, utilizou-se o Catálogo de teses e dissertações da Capes e *Web of Science* com buscas pelo descritor “masoquismo feminino” encontrando duas dissertações.

Na segunda etapa, após a revisão sistemática dos textos de Freud e Lacan em torno do masoquismo feminino, a pesquisa se direcionou para a abordagem de Lacan sobre o feminino. Tendo em vista esse encaminhamento de leitura, como recorte, optou-se por não ampliar a discussão para o campo da perversão como estrutura clínica. Ao final do trabalho, foram apresentados recortes clínicos para

ilustrar os argumentos desenvolvidos. As vinhetas apresentadas se originam dos registros de atendimento da pesquisadora, utilizando casos já encerrados. Para fins de sigilo, os nomes e dados de identificação dos sujeitos envolvidos foram alterados ou omitidos.

Ao longo da pesquisa, buscou-se seguir a recomendação freudiana de que: “Corresponde à singularidade da psicanálise não querer descrever o que a mulher é – isso seria para ela uma tarefa quase impossível de resolver – mas, sim, pesquisar como ela se torna mulher, como se desenvolve a partir da criança dotada de disposição bissexual” (FREUD, 1933/2019a, p. 318).

Com isso em mente, o trabalho foi dividido em três capítulos. No capítulo intitulado *Do masoquismo ao masoquismo feminino: na literatura, na psiquiatria e na psicanálise* é apresentada uma perspectiva histórica sobre a psiquiatria do século XIX e as influências no desenvolvimento do conceito de masoquismo na psicanálise. Em Freud, percorreu-se os caminhos que levaram o autor à tese do masoquismo feminino e às questões que ficaram em aberto nessa trajetória.

Já no capítulo *O encontro de Lacan com o masoquismo feminino*, a ideia foi descrever o contexto do movimento analítico pós-freudiano e as críticas de Lacan à psicanálise de sua época, que o levaram a desenvolver uma outra tese sobre o masoquismo e o feminino.

Por conseguinte, a partir dos conceitos desenvolvidos por Lacan e seus comentadores em torno da temática do feminino, no capítulo *Clínica psicanalítica e a violência contra a mulher*, seguiu-se uma breve descrição do contexto de trabalho clínico em instituição de saúde com mulheres violentadas por seus parceiros, seguida da apresentação e análise de uma vinheta clínica. Por fim, seguiram algumas conclusões que se conseguiu alcançar nessa pesquisa.

2 DO MASOQUISMO AO MASOQUISMO FEMININO: NA LITERATURA, NA PSQUIATRIA E NA PSICANÁLISE

2.1 DISCURSO MÉDICO E A PSICOPATOLOGIA DA VIDA SEXUAL

O modo como Freud inicia sua conceitualização sobre o masoquismo e posteriormente, sobre o masoquismo feminino foi influenciado pelas discussões científicas de sua época.

O termo masoquismo surge na literatura científica em meados século XIX, como uma categoria do campo de estudo dos comportamentos sexuais desviantes, em específico, como um fenômeno das perversões sexuais. Essa designação foi cunhada pelo psiquiatra Richard Von Krafft-Ebing (1853/1902), que toma o nome masoquismo, inspirado nas obras literárias do escritor e jornalista Léopold Von Sacher-Masoch.

Cabe contextualizar que os séculos XIX e XX foram marcados por uma emergência de discursos sobre o sexo e sexualidade dentro da ciência moderna. Como nos mostra Foucault (2006), as instituições passaram a ter um interesse especial em saber sobre o sexo, como forma de controle e poder sobre os corpos e as sexualidades periféricas. É neste cenário que os romances de Sacher-Masoch se destacaram “por dilacerar fortes emoções através de seus contos eróticos em livros e novelas galicianas” (BUCHAÚL, 2015, p.16), inspirando assim, a própria história da psiquiatria moderna.

No entanto, segundo Deleuze (2001), a vida e obra de Sacher-Masoch foram permeadas por outra conjuntura. As condições de tolerância e censura que imperavam naquele contexto de vida do escritor eram diferentes, posto que, aceitava-se uma sexualidade indefinida, com poucos detalhes ou distinções entre o psíquico e o orgânico. O autor descreve que Sacher-Masoch obteve grande destaque já no início de sua vida como romancista – inclusive internacional – sendo considerado em sua época, por alguns tradutores, como um romancista moralista e severo, que escrevia novelas folclóricas sem, contudo, destacarem o conteúdo sexual de suas obras.

O reconhecimento das obras de Sacher-Masoch, pelo viés da sexualidade, deve-se à associação do seu nome como um fenômeno das perversões sexuais na

psiquiatria. Posto que, algumas inclinações do literato ficaram conhecidas através da história, tais como:

Brincar de urso ou de bandido; deixar-se caçar, amarrar, deixar-se infligir castigos, humilhações e inclusive intensas dores físicas por parte de uma mulher opulenta envolvida em peles e segurando um chicote; vestir-se de criada, multiplicar fetiches e fantasias; publicar anúncios classificados, assinar "contrato" com a mulher amada e, se necessário prostituí-la⁴. (DELEUZE, 2001, p. 12, tradução nossa).

Sua obra mais famosa *A Vênus das peles* foi escrita em 1870 e integra o primeiro volume da série intitulada *O Legado de Caim*. Para Deleuze (2001) a obra de Sacher-Masoch condensa os recursos do romantismo alemão, ao produzir uma forma muito singular de dessexualização do amor enquanto sexualizava toda a história da humanidade.

Embora sem a autorização do escritor, Krafft-Ebing toma os livros de Sacher-Masoch como um caso clínico e utiliza seu nome para denominar o que ficaria conhecido, desde então, como perversão masoquista (DELEUZE, 2001).

Esta denominação, como conceito científico, foi inaugurada no tratado de pesquisa sobre as psicopatologias da vida sexual, escrito por Krafft-Ebing no livro mundialmente conhecido: *Psychopathia Sexualis*, de 1895.

Segundo Pereira (2009), este tratado configurou-se como o primeiro levantamento sistemático e completo das diversas expressões de perturbações da sexualidade humana. Ainda que precedido de inúmeros estudos médicos sobre os comportamentos sexuais considerados desviantes ou patológicos, o texto de Krafft-Ebing, por seu rigor descritivo e influência nos estudos posteriores, “tornou-se uma espécie de paradigma da apropriação do erotismo humano pelo discurso médico e positivista a partir do século XIX”. (PEREIRA, 2009, p. 380).

Neste livro encontrou-se a primeira grande síntese do pensamento médico-psiquiátrico daquele momento sobre as perversões. Para distinguir a normalidade nas condutas sexuais, o psiquiatra utilizou-se do paradigma biológico, que pressupunha que prazer sexual normal visaria à reprodução e à perpetuação da espécie humana. Essa lógica se tornou o modelo de comparação para determinar os

⁴ “jugar al oso o al bandido; hacerse cazar, atar, hacerse infligir castigos, humillaciones e incluso intensos dolores físicos por parte de una mujer opulenta envuelta en pieles y empuñando un látigo; vestirse de criada, multiplicar fetiches y disfraces; publicar avisos clasificados, firmar «contrato» con la mujer amada y, de ser necesario, prostituirla”.

comportamentos sexuais desviantes. O erotismo e as práticas sexuais que fugissem a esse objetivo passaram a ser considerados desviantes e logo, denominados de perversões sexuais (PEREIRA, 2009). Ou seja, tudo aquilo que pervertesse a ordem natural da reprodução enquadrava-se com uma anormalidade.

A proposta de Krafft-Ebing (1895/2008) em *Psychopathia Sexualis* foi examinar a origem, o desenvolvimento, as leis e as causas dos sintomas psicopatológicos da vida sexual utilizando-se do rigor científico para a pesquisa. Como ressalta Pereira (2009), não havia nenhuma pretensão do psiquiatra em construir uma psicologia da vida sexual.

Dado o contexto do tratado de Krafft-Ebing, sua obra se direcionava a uma perspectiva médico-legal, particularmente à magistratura. Dentre as diversas temáticas abordadas nesta obra, destaca-se o uso pela primeira vez dos termos sadismo e masoquismo utilizados para uma definição médica, que encontraria ampla repercussão nos meios técnicos, legais e leigos.

A tese de Krafft-Ebing (1895/2008) sobre as perversões, dizia que o perverso é um sujeito que não consegue dominar suas pulsões. Assim, o sadismo se estabeleceu como uma excitação condicionada pela dor e/ou humilhação imposta ao parceiro. Do lado oposto ao sadismo, o masoquismo, caracterizou-se pelo indivíduo que fantasia situações em que é submetido por uma pessoa – do sexo oposto – a situações de arrogância, tortura e humilhação. Esta fantasia seria acompanhada de uma sensação de prazer e impotência psíquica (KRAFFT-EBING, 1895/2008). Em ambos os contextos, há uma longa lista de casos masculinos que ilustram a tese do psiquiatra. Neste ponto, é interessante destacar que dentro do capítulo destinado ao masoquismo, Krafft-Ebing (1895/2008) tenta descrever o masoquismo na mulher em um subcapítulo de mesmo nome. Ilustra-o, com apenas um caso.

No caso específico das mulheres, Krafft-Ebing (1895/2008) faz uma curiosa distinção entre servidão voluntária ao sexo oposto e masoquismo. O primeiro caso versaria sobre um fenômeno que, segundo o autor, seria normal no sexo feminino, resultado natural de sua posição passiva na função sexual reprodutiva. Atribuindo tal fenômeno a uma causa biológica, sem considerar seus condicionantes históricos e culturais, o psiquiatra explicita que a suposta natureza subordinada da mulher se deveria à união do instinto passivo com a vontade de submissão. Já o segundo caso

seria o masoquismo propriamente dito, que se originaria de uma exacerbação da submissão voluntária.

Contudo, o psiquiatra alega ter encontrado apenas um caso de verdadeiro masoquismo feminino em sua prática:

É provável que frequentemente haja casos, entre as mulheres, de traços patológicos acentuados deste instinto masoquista, mas sua manifestação é reprimida por convenções sociais. Além disso, muitas jovens mulheres adoram principalmente ser submissas a seus maridos ou namorados. Entre os povos eslavos, dizem, as mulheres das classes menos favorecidas se sentem infelizes quando não são agredidas por seus maridos. Um correspondente húngaro me assegura que as camponesas do condado de Somogy só acreditam no amor de seus maridos quando recebem deles um primeiro tapa como sinal de amor. É difícil para o médico pesquisador produzir dados sobre o masoquismo da mulher. Resistências internas e externas, pudores e conveniências, oferecem obstáculos quase intransponíveis às manifestações exteriores das inclinações sexuais perversas das mulheres. Portanto, apenas um único caso de masoquismo em mulheres foi cientificamente verificado até o momento; no entanto, este caso é cercado por circunstâncias acessórias que o tornam obscuro ⁵. (KRAFFT-EBING, 1895/2008, não p., tradução nossa).

Tem-se aqui, ainda que controverso, uma apresentação sobre o fenômeno de mulheres que são agredidas ou se encontram em uma posição de submissão ao parceiro do sexo oposto relacionado a uma forma de amor. Para o psiquiatra, esses casos corresponderiam à normalidade da vida da mulher e não a uma patologia, perversão ou ainda, um masoquismo. Notamos assim, que esse fenômeno, está presente em uma obra importante como *Psychopathia Sexualis* de 1895 e também de outros autores do mesmo período.

Logo, não se pode deixar de ressaltar que apesar da invisibilidade da violência, por meio da naturalização dos comportamentos esperados na relação amorosa entre homens e mulheres, algo já acontecia nesse encontro, que não era

⁵ “Il est probable qu'il y a chez les femmes des cas assez fréquents d'une accentuation pathologique de cet instinct dans le sens du masochisme, mais la manifestation en est réprimée par les conventions sociales. D'ailleurs, beaucoup de jeunes femmes aiment avant tout être à genoux devant leurs époux ou leurs amants. Chez tous les peuples slaves, dit-on, les femmes de basse classe s'estiment malheureuses quand elles ne sont pas battues par leurs maris. Un correspondant hongrois m'assure que les paysannes du comitat de Somogy ne croient pas à l'amour de leur mari tant qu'elles n'ont pas reçu de lui une première gifle comme marque d'amour. Il est difficile au médecin observateur d'apporter des documents humains sur le masochisme de la femme. Des résistances internes et externes, pudeur et convenances, opposent des obstacles presque insurmontables aux manifestations extérieures des penchants sexuels pervers de la femme. De là vient qu'on n'a pu jusqu'ici constater scientifiquement qu'un seul cas de masochisme chez la femme; encore ce cas est entouré de circonstances accessoires qui le rendent obscur”.

objeto de interesse para a psiquiatria naquele contexto. Do lado do masculino, a psiquiatria buscou estabelecer quais seriam os desvios na sua vida moral e sexual.

Do lado da mulher, parece haver um certo desinteresse. Os boatos e a lógica biológica dos instintos se apresentavam como suficientes para encerrar a questão.

Necessário ressaltar que nesta conjuntura histórica, as agressões ocorridas dentro do relacionamento afetivo não eram nomeadas conceitualmente nem socialmente como violência, embora se possa inferir que até hoje haja ressonâncias do trabalho de Krafft-Ebing (1895/2008) na cultura. Quando, por exemplo, afirma-se que a “mulher gosta de apanhar”; “ela permanece com o agressor porque o ama” ou ainda “ela é dependente dele”, não seriam discursos contemporâneos da submissão voluntária ao sexo oposto, tal como proposto por Krafft-Ebing?

O esforço realizado por Krafft-Ebing de classificar as perversões com base no instinto sexual foi prosseguido por Freud à sua própria maneira, com base agora no conceito de pulsão. À sua maneira, pois, como comenta Laurent (2012), nunca houve na psicanálise um instinto sexual unificado, tal como proposto em *Psychopathia Sexualis*. A pulsão seria, justamente, um impulso anárquico, desconectado de uma meta biológica unificadora. Dessa forma, seria próprio à pulsão sexual sua natureza perversa, na medida em que não existe um critério adaptativo que permita traçar uma linha de corte entre comportamentos sexuais normais e anormais.

Das elucubrações sobre a sexualidade é que Freud chegará ao conceito do masoquismo feminino. A fim de se compreender esse percurso, a seguir, se focalizará as concepções de Freud, que irão sustentar sua hipótese sobre o masoquismo feminino.

2.2 AS PRIMEIRAS CONCEPÇÕES PSICANALÍTICAS EM TORNO DO BINÔMIO SADISMO-MASOQUISMO

O tema sobre o masoquismo começa a ser desenhado em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (FREUD, 1905/1996).

Nesse trabalho, apoiando-se na linha de pensamento de Krafft-Ebing, os conceitos de masoquismo e sadismo seriam expressões significativas das perversões sexuais. O masoquismo corresponderia a uma forma passiva do

sadismo. Haveria uma primazia do prazer, que ocorreria de qualquer forma, seja na humilhação ou na sujeição.

Neste texto, a afirmativa de Freud de que a neurose é o negativo da perversão se encaminha para abranger o que até então era considerado anormal dentro do escopo das pulsões sexuais. A criança, como perversa polimorfa, será atravessada em sua constituição por pulsões sexuais perversas, que dependendo de sua qualidade ou força, podem tornar-se sintomas de uma perversão na vida adulta. Freud (1905/1996, p. 218, grifo nosso) afirma que:

Diante da disseminação das tendências perversas, agora reconhecidas, fomos impelidos ao ponto de vista de que a disposição para as perversões é a disposição *originária e universal* da pulsão sexual e de que a partir dela, em consequência de modificações orgânicas e inibições psíquicas no decorrer da maturação, desenvolve-se o comportamento sexual normal.

O sujeito assim, dito normal ou perverso, teria em sua constituição pulsional mais primitiva os componentes aqui descritos, como sadismo e masoquismo. Ponto este que ilustra o modo como Freud, apesar de influenciado, já se direcionava para uma concepção de sujeito distinta da psiquiatria de Krafft-Ebing.

O sadismo é descrito como tendo origens de fácil identificação em pessoas normais, pois suas características estão presentes na sexualidade da maioria dos homens, tais como uma mescla entre agressividade e uma inclinação a subjugar o objeto sexual. A explicação para este comportamento ocorreria por uma via orgânica, o que aproxima o autor das correntes teóricas de sua época.

Freud (1905/1996) assinala ainda que o componente agressivo surge da necessidade biológica de vencer a resistência do objeto sexual de outras formas, que não somente pelo cortejar. Estaria aqui, Freud anunciando algo sobre o que hoje se denomina de violência contra a mulher? Há de se destacar o papel da cultura na afirmação de Freud, posto que, primeiramente o autor reitera a agressividade como tendência orgânica ou instintual do homem na relação sexual ou amorosa, aproximando-se de Krafft-Ebing e outros pesquisadores do fim do século XIX. E qual o lugar, papel ou posição da mulher nesta relação? De passividade e já implicitamente orientada ao masoquismo. Contudo, pode-se ver que o argumento freudiano sobre sadismo e masoquismo, será revisado e modificado ao longo da construção da psicanálise.

Continuando, o fundador da psicanálise explica que de um lado, o sadismo está atrelado à atividade da pulsão, enquanto de outro, o masoquismo corresponderia à passividade. “O sadismo corresponderia a um componente agressivo autonomizado e exagerado da pulsão sexual, movido por deslocamento para lugar preponderante” (FREUD, 1905/1996, p. 149).

Logo após esta frase, Freud (1905/1996) acrescentava em 1915 que ao menos uma das raízes do masoquismo poderia advir desta mesma lógica. O masoquismo surgiria de uma supervalorização do objeto sexual, como um produto psíquico necessário da escolha sexual objetual, bem como, uma atividade passiva da pulsão sexual.

O masoquismo se apresenta neste momento, como uma das faces da perversão sexual infantil e polimorfa. Não se trata de uma perversão plena como definirá Freud posteriormente, ou como estrutura, definida por Lacan, mas sim do desenvolvimento das pulsões sexuais, que podem ou não produzir um sujeito perverso, anormal ou de comportamento aberrante.

Relacionado ao sadismo, o masoquismo neste primeiro momento da obra freudiana, será descrito como uma atividade passiva normal e a sua exarcebação, como uma perversão, o que aponta para uma certa aproximação de Freud a Kraft-Ebing.

O masoquismo enquanto perversão parece distanciar-se mais do alvo sexual normal do que sua contrapartida; em primeiro lugar pode-se por em dúvida se ele aparece alguma vez como fenômeno primário, ou se, pelo contrário, surge regularmente do sadismo mediante uma transformação (FREUD, 1905/1996, p. 150).

Freud (1905/1996) descreve o masoquismo como uma continuação do sadismo – sendo este último fonte primária – que retorna ao sujeito que assume o lugar de objeto sexual, ao menos nos casos de perversão masoquista. Por meio da análise clínica de alguns casos extremos de perversão do tipo masoquista, ele observa que os fatores para a fixação e o excesso que mantém o sujeito em uma posição sexual passiva originária residiriam no complexo de castração e na consciência de culpa.

Elucida ainda, que ambas as posições podem ser encontradas em um mesmo sujeito. De tal modo que: “o sádico é sempre e ao mesmo tempo um masoquista, ainda que o aspecto ativo ou passivo da perversão possa ter-se

desenvolvido nele com maior intensidade e represente sua atividade sexual predominante” (FREUD, 1905/1996, p. 151). Em suma, sadismo e masoquismo são pares de opostos, marcadamente relacionados pelo contraste entre posições passiva e ativa da pulsão sexual e não pela oposição entre feminino e masculino. Sendo assim, o masoquismo seria um produto secundário correspondente ao sadismo.

Doravante, já em 1915, ano que em Freud insere a nota de rodapé se questionando sobre a hipótese de um masoquismo primário, encontra-se em *Pulsões e seus destinos* o tema do masoquismo como um dos destinos da pulsão. Nesse texto, Freud (1915/2004) propõe quatro destinos para a pulsão: a transformação em seu contrário, o redirecionamento contra a própria pessoa, o recalque e a sublimação. Destacam-se os dois primeiros destinos que também são conhecidos como sadismo e masoquismo.

O destino de transformação em seu contrário, para Freud (1915/2004), é separado em dois processos distintos: de redireção da pulsão de modo ativo para passivo e na inversão de seu conteúdo. A princípio, o sadismo e o masoquismo permanecem como pares de opostos. A transformação em seu contrário se refere às metas da pulsão: da atividade de torturar para a passividade de ser torturado.

O masoquismo assim, como o redirecionamento ao seu contrário é o sadismo que se volta contra o próprio Eu. Destaca Freud (1915/2004, p. 152, grifo do autor) que “o masoquista compartilha o gozo [*mitgeniesst*] implicado na agressão contra a pessoa [...]. O essencial nesse processo é, portanto, a troca do *objeto* sem alteração da meta”.

O processo de sadismo-masoquismo ocorreria em três fases. Na primeira, o sadismo corresponde a um exercício de poder violento contra uma pessoa que é tomada como objeto. Na segunda, há uma inversão de meta ativa para passiva, tendo um abandono do objeto que é substituído pela própria pessoa. Já na terceira fase, que se denomina masoquismo, uma outra pessoa é procurada como objeto “a qual, devido à transformação ocorrida na meta, tem então de assumir o papel de sujeito” (FREUD, 1915/2004, p. 153).

Pela via da repressão o sadismo se torna masoquismo. As dores direcionadas ao outro, tornariam-se a meta passiva do masoquista, redirecionadas agora ao próprio Eu.

Essa posição ativo-passivo mais tarde se funde com a do masculino-feminino, embora antes dessa fusão a oposição masculino-feminino não tivesse nenhum significado psicológico. Apesar de o amalgamento da atividade com a masculinidade e da passividade com a feminilidade apresentar-se como um fato biológico, ele não é tão amplo nem tão exclusivo como estamos inclinados a pensar (FREUD, 1915/2004, p. 158).

Afirma o autor que quando um sujeito provoca dores no outro pela via de identificação com o objeto que sofre, é possível que haja uma satisfação do tipo masoquista. No binômio sadismo-masoquismo, se goza da excitação sexual e não, da experiência de dor em si mesma. Explicita que, “temos boas razões para supor que as sensações de dor, bem como as outras sensações de desprazer, transbordam para a excitação sexual e produzem um estado prazeroso, em nome do qual o desprazer da dor também pode ser aceito” (FREUD, 1915/2004, p. 153).

Deste modo, o Eu passivo que primeiramente se enderaçava à pulsão sádica (alvo) se transporta para o lugar do sujeito e esta transmutação se refere a um retorno ao objeto narcísico. Afirma neste momento, a impossibilidade de um masoquismo originário que fosse derivado do sadismo. Entra em cena nesta discussão a fantasia como fator preponderante para execução deste redirecionamento de metas ativa-passiva ou sádica-masoquista.

Até aqui, na proposição sobre as pulsões, não se encontra em Freud uma clara distinção entre feminino e masculino ou ainda, uma classificação do masoquismo e do sadismo como exclusividades do homem no escopo das perversões. No entanto, como se perceberá no avançar da obra do autor, esses termos tomam caminhos opostos no campo da fantasia.

Apesar de Freud assumir um ponto de partida distinto ao de Krafft-Ebing, a interlocução com o psiquiatra alemão fica clara no trabalho *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (Freud, 1905/1996). A diferença entre os autores é sutil: embora Freud (1905/1996) pareça reiterar a tese que designa aos homens um papel ativo e às mulheres uma função passiva na sexualidade, ele ressalta que ambos os sexos seriam ativos na busca de satisfação. Tal fato ocorre porque a pulsão é sempre ativa ao tentar atingir seus alvos, ainda que suas metas possam ser passivas. Seria preciso um grande esforço para se colocar numa posição passiva. Isto se traduz na famosa tese a qual a libido é sempre masculina, tanto no homem, quanto na mulher.

Importa advertir que mesmo essa possível aproximação entre Freud e Krafft-Ebing se rompe anos mais tarde, uma vez que Freud faz uma autocrítica e passa a recusar a equivalência entre as polaridades ativo/passivo e homem/mulher. Inclusive porque tal interpretação estava muito atrelada a um contexto cultural pouco favorável ao protagonismo feminino na sociedade civil.

Doravante, o papel da fantasia na gênese das perversões só será minuciosamente examinado por Freud alguns anos depois, no trabalho *Batem em um criança* (1919). E como se irá ver, é neste trabalho que Freud discorre sobre as possíveis origens da fantasia masoquista em casos masculinos e femininos.

2.3 DA FANTASIA MASOQUISTA AO MASOQUISMO FEMININO

Como característica humana peculiar, o prazer na dor se dá em oposição à manutenção da vida, tanto que Freud (1924/2006) o postula como um intrigante enigma a ser desvendado. No entanto, o que pareceu se estabelecer nessa trajetória é que o misterioso masoquismo se enlaça ao “*dark continent*” da feminilidade.

A hipótese do masoquismo como uma especificidade do lado feminino começa a se desenhar no texto *Batem numa criança: contribuição para o conhecimento da gênese das perversões* (Freud, 1919/2010). Nele Freud examina, minuciosamente, uma fantasia masoquista de surra, baseado numa casuística em que havia duas vezes mais casos femininos do que masculinos. Ao final da exposição, a fantasia se consolida como um plano de oposição anatômica: meninas apanham do pai e meninos apanham da mãe.

Em sua análise, Freud (1919/2010) descreve a construção e a elaboração da fantasia de surra, trazendo elementos da vida pré-edípica do sujeito. A fantasia de surra nas mulheres é composta em três tempos, com ênfase na relação pai e filha, por suas consequências na constituição do sujeito feminino.

De início, Freud (1919/2010) percebe que a fantasia de surra era sempre seguida de um sentimento de prazer. Sugere então que as fantasias de surra nas meninas, iniciavam-se em um período remoto do início da infância e permaneciam indefinidas. A tese freudiana, para essa fantasia masoquista em suas pacientes, retorna ao Complexo de Édipo feminino, ainda em construção pelo autor e marcadamente relacionada à relação pai e filha.

Assim, a primeira fase da fantasia, “*meu pai bate em uma criança*”, é atravessada pelo amor incestuoso da filha pelo pai. Seu conteúdo é expresso como uma lembrança. O ato de bater em outra criança, posta como rival da menina que fantasia, é tido como um gesto de amor do pai para a filha.

A fantasia seria da ordem de um embaraço nas excitações, de uma história de desorientação numa estrutura. Logo, seria por isso que Freud descreve três fases lógicas na fantasia de espancamento, nas quais não encontramos um ponto de origem traumatológica. Na primeira fase da fantasia alguns aspectos ficam indefinidos, como se fosse necessário apontar para uma indiferença (LAURENT, 2012).

Já na segunda fase da fantasia, “*apanho do meu pai*”, é marcada pela inversão do triunfo edípico. O sujeito que fantasia entra na cena no lugar do seu rival. A segunda fase, não se trataria de uma lembrança ou fato da vida real, mas de uma construção em análise. Trata-se da expressão direta da consciência de culpa. “A fantasia tornou-se masoquista, portanto, que eu saiba, é sempre assim, a consciência de culpa é fator que transforma o sadismo em masoquismo” (FREUD, 1919/2010, p. 307). A frase “*apanho do meu pai*” condensa uma fantasia masoquista e a fase mais importante por suas consequências. Nesse estágio, a repressão atingiu o início da organização genital, tornando o amor incestuoso inconsciente. A consciência de culpa e o erotismo, ambos vinculados ao amor incestuoso pelo pai, serão os elementos essenciais do masoquismo. Nas palavras do autor:

“Meu pai me ama” tinha um sentido genital; devido à regressão se converte em: “meu pai bate em mim (apanho do meu pai)”. Ser golpeado é agora uma convergência de consciência de culpa e erotismo; *é não só o castigo pela regressão genital proibida, mas também o substituto regressivo para ela*, e desta última fonte retira a excitação genital libidinal que a partir de então estará unida a ele e que achará desafogo em atos masturbatórios. Essa é, enfim, a essência do masoquismo. (FREUD, 1919/2010, p. 308 grifo do autor).

Na segunda fase, quando a fantasia se torna masoquista para a menina, Laurent (2012) analisa que Freud recua diante da ideia inicial de que se poderia encontrar o tempo da fantasia ou seu início. A fantasia em sua segunda fase, para Laurent (2012) seria como a pura voz da culpa, genealogia da moral. “O sentimento de culpa é disfarçado, só podemos observar os seus efeitos, tal como ‘meu pai me bate e eu gozo com isso’” (Laurent, 2012, p. 41). Freud nesse texto se dá conta de

que não há um momento traumático ou de erupção do trauma, sendo impossível precisar temporalmente a origem da fantasia de ser fustigado.

Por conseguinte, no terceiro tempo descrito como “*batem em uma criança*”, pai e o sujeito da fantasia desaparecem. O sujeito que bate é um adulto, indefinido, podendo ser um substituto do pai, como um professor. O agente da surra, geralmente do sexo masculino, agora bate em crianças.

O que distingue essa fase da primeira é que agora ela é fonte de excitação sexual e satisfação masturbatória. Para a menina, a situação masoquista e passiva, pela transformação da repressão, torna-se sádica e ativa, obscurecendo o caráter sexual da fantasia. Nesse processo, a menina fantasia ser um homem, sem tornar-se ativamente masculina.

Essas fantasias de surra não estariam alocadas na relação ambivalente da menina com a mãe, em concorrência ao amor paterno e sim na relação edípica entre filha e pai. Diz Freud (1919/2010, p. 322):

[...] já a menina, pelo mesmo processo, escapa às exigências da vida amorosa em geral, fantasia ser um homem, sem tornar-se masculinamente ativa, e apenas presencia como expectadora o ato que substitui um ato sexual. [...] A menina, que até abandonou seu sexo e, no todo, efetuou um trabalho de repressão mais radical, não se livra do pai, não ousa ela mesma bater, e, como se tornou ela mesma um garoto, faz que sobretudo garotos apanhem.

Na análise de Zalcberg (2008), a fantasia de surra demonstra o papel de grandeza que o amor tem nas fantasias masoquistas expressas pelas mulheres em análise. Consequentemente, as fantasias de desejo da filha com o pai constituem papel preponderante na subjetividade feminina e que “qualquer homem que uma mulher ame na sua vida será um substituto do pai” (ZALCBERG, 2008, p.14).

Freud parece ter introduzido como se fosse algo evidente, por meio de uma fantasia similar, uma simetria análoga entre os sexos: meninas espancadas pelo pai e meninos espancados pela mãe. Como relembra Laurent (2012), as fantasias de espancamento e flagelação davam o tom da literatura do século XIX. Além disso, o que no século XXI se nomeia como violência, tendo inclusive incidências criminais (agressão a crianças ou mulheres) não possuía esse estatuto no início do século XX, o que traz a interrogação sobre o papel da cultura na constituição das fantasias.

Na hipótese de Laurent (2012), ao apresentar duas vezes mais casos de mulheres do que de homens, Freud estaria direcionando sua análise, na direção

oposta à pressuposição exclusivista do masoquismo apenas do lado masculino. O mesmo autor conclui que Freud, somente entre anos de 1923 e 1932, teria realizado uma dissimetria total entre meninos e meninas, posto que Freud “ainda não tinha estabelecido as mudanças de objeto, sendo que a única mudança ocorre, digamos, na menina: de início, a mãe, depois, a famosa passagem ao pai, tão difícil; e Freud não avança com segurança sobre esse ponto” (LAURENT, 2012, p. 44).

Justifica sua hipótese ao argumentar que até 1919 Freud já teria atendido muitos casos e era um médico conhecedor de estatísticas, sabendo então que seis casos seriam algo irrisório para se fazer uma estatística. Contudo, Laurent (2012, p. 36) diz que, para Freud:

A questão, mais além de uma série estatística curta, é que Freud toma a posição oposta sublinhando que há duas vezes mais mulheres do que homens. De fato, ele toma a direção oposta em relação ao mandato da permanência do masoquismo unicamente do lado masculino; naquela época, o que dominava nossas mentes é que Sacher-Masoch era o homem que era batido, essa era a ideia.

Com o dobro de mulheres, Freud estaria construindo uma mudança, separando a perversão do destino da fantasia. Todavia, não nos parece que essa fosse a lógica de Freud para este momento. O texto se constitui com o gérmen do conceito de masoquismo do feminino no qual paradoxalmente, a posição de castração feminina é “encenada” pelo homem, no rito sexual do perverso. Deste texto e os que seguem, Freud aponta para uma geometria de lugares, para a mulher e o homem, tendo como impasses o falo e o masoquismo. A dissociação do paralelismo edípico será revista por Freud nos trabalhos sobre a feminilidade nos anos 1930.

Lacan (1958/1999), ao comentar sobre o texto *Batem em uma Criança*, afirma que Freud se deteve no que significa a fantasia e no fato de que ela se encontra, em sua maioria, em mulheres. Contudo, postula uma correção sobre o caráter da fantasia e abre neste ponto uma perspectiva para se refletir como a fantasia se constitui nos sujeitos, saindo do impasse colocado por Freud entre o feminino, o masculino e a perversão. O autor explica: “não se trata de uma fantasia sádica ou perversa qualquer, mas de uma fantasia que culmina e se fixa sob uma forma cujo tema o sujeito revela de maneira muito reticente”. (LACAN, 1957-58/1999, p. 244)

A estrutura da fantasia colocada no texto freudiano seria generalizada e conectada a uma perversão. Contudo, reafirma Laurent (2012), como fantasia, ela é comum às estruturas, pois atravessa tanto a histeria como a neurose obsessiva, posto que seria

[...] transestrutural, digamos, a fantasia é comum aos dois. Não se atualiza necessariamente em perversão, e justamente as meninas tem direito a um uso da fantasia, maneira com que Freud tenta retirar de seus leitores a ideia de que só os meninos tem acesso ao masoquismo. As meninas também, a sua maneira (p.41).

Na interpretação posterior de Lacan (1957-58/1999) e Laurent (2012), Freud já estaria apontando para o campo no qual, a fantasia masoquista se constitui nas mulheres. Contudo, até este momento, Freud está se questionando sobre as influências edípicas na constituição do masoquismo e sua origem primária, desse modo, separada do sadismo e desenhando o que virá a se constituir como uma dissimetria entre o complexo de Édipo feminino e masculino. A perversão até aqui é apresentada por seu caráter infantil e polimorfo.

Então, pode-se concluir que neste trabalho, se inicia a estruturação do embaraço entre os conceitos de masoquismo e de feminino, que irão ser recapitulados em *O problema econômico do masoquismo* (FREUD, 1924/2007), com a introdução do conceito de pulsão de morte.

Um ano após o texto do *Batem em uma criança*, Freud (1920/2006) apresenta com maior destaque, o conceito de pulsão morte, no trabalho *Além do princípio de prazer*, que será capital para o desenvolvimento do conceito de masoquismo feminino. A partir dos sonhos traumáticos e da brincadeira do *fort-da*, Freud (1920/2006) descreve a pulsão de morte como aquilo que está para além do princípio de prazer, ao postular que há uma sensação de deleite com a reencenação da experiência traumática.

Ainda que regido pelo princípio de prazer, existiriam meios de transformar o desprazer em objeto de recordação e processamento psíquico, meio este denominado de compulsão à repetição. O autor é taxativo ao afirmar que todo o desprazer neurótico deste tipo é um modo de prazer que não pode ser vivido como tal. Ainda que não todas, as vivências de desprazer igualmente estariam regidas pelo princípio de prazer.

Todavia, a ideia do masoquismo atrelada à compulsão à repetição irá ser elaborada somente um ano depois e acrescentada a este texto com destaque pelo autor. Descreve Freud (1920/2006, p. 140. grifo do autor) que “ainda nos resta o entendimento de que, no estado do trauma, a função do sonho, entre tantas outras, também teria sido abalada e desviada de seus propósitos. *Ou então teríamos de invocar enigmáticas tendências masoquistas do Eu*”. Vemos aqui Freud já enunciar o masoquismo como um enigma junto à consolidação de conceitos caros à psicanálise, tais como fantasia, pulsão de morte e repetição.

Em relação à compulsão à repetição e ao masoquismo, para Freud haveria uma tensão gerada no confronto entre as pulsões sexuais que preservam a vida e as pulsões de morte, que conduzem o indivíduo à morte, uma vez que:

A pulsão recalcada jamais renuncia à sua completa satisfação, a qual consiste na repetição de uma experiência primária de satisfação. Todas as formações substitutivas ou reativas bem como sublimações, são insuficientes para remover a tensão contínua. É da diferença entre o prazer efetivo obtido pela satisfação e o prazer que surge o fator impelente que não vai permitir o organismo estacionar em nenhuma das situações estabelecidas [...] (FREUD, 1920/ 2006, p. 165).

A partir deste argumento, postula um componente sádico na pulsão sexual, inferindo que o sadismo seria proveniente da pulsão de morte. Servindo a uma função sexual, a pulsão de morte agora seria o sadismo. Podemos assim pressupor que a pulsão de morte também rege o masoquismo, uma vez que pode se deslocar do objeto.

Como exemplifica Freud (1920/2006, p. 175), o deslocamento poderia ocorrer no caso do amor: “nos casos em que o sadismo original não foi mitigado ou fusionado a outros elementos, veremos instaurar-se na vida amorosa a conhecida ambivalência amor-ódio”. Esta ambivalência seria um exemplo de pulsão de morte deslocada.

Por conseguinte, consta-se que neste trabalho de 1920 Freud se corrige na tese levantada em 1915 em “*Pulsões e seus destinos*”, ao expor que o princípio de prazer estaria submetido à pulsão de morte.

Entretanto, em um ponto da formulação sobre o masoquismo que apresentamos àquela época deveria ser corrigida por se mostrar demasiado limitante, ou seja, além do masoquismo secundário que retorna ao Eu, poderia também existir um masoquismo primário que emana do Eu, embora naquele momento eu tenha contestado essa possibilidade. (FREUD, 1920/2006, p. 175).

Até esse ponto, tem-se os primeiros impasses produzidos por Freud quando discorre sobre a intersecção entre masoquismo e o feminino. Em seu trabalho de 1919 é interessante destacar que seu título induz a pensar as perversões, embora o autor conduza por casos – em sua maioria – de mulheres neuróticas.

Na perspectiva de André (1991), o texto de 1919 traz uma contradição flagrante sobre a feminilidade. O ponto de origem da feminilidade é constituído pela fixação amorosa ao pai e sua saída, por uma identificação ao masculino. Seguindo essa lógica, “no momento em que o Édipo é recalcado, a menina abandonaria sua feminilidade para se transformar em menino! Em outras palavras, a resolução do Édipo para a menina seria a perversão”. (ANDRÉ, 1991, p. 159). Conclusão insustentável, segundo o autor, que já envolve outras contradições sobre a gênese das perversões. Dentre elas, que a fantasia de surra versa sobre a origem das perversões, em especial o masoquismo e, no entanto, cinco dos casos apresentados eram de neuroses.

A resolução freudiana, segundo André (1991), para esse impasse, resulta na distinção entre perversão infantil e perversão adulta. A perversão ou a fantasia perversa se constituiria nos traços ou cicatrizes deixadas no inconsciente. Logo, a fantasia de surra, como uma cicatriz, poderia indicar que a fantasia é perversa e não propriamente o sujeito.

Sendo a psicanálise uma teoria em construção desde sua origem, importa considerar o modo como se constroem as hipóteses conceituais em torno das questões clínicas. Nesse momento da obra freudiana, na entrada dos anos 1920, o masoquismo ainda era uma incógnita a ser resolvida. A seguir é apresentado o modo como Freud elaborou o conceito e as indagações que se sugeriram dessa proposição.

2.4 A PROBLEMÁTICA FREUDIANA SOBRE O MASOQUISMO FEMININO

Como se pôde apreender, Freud não estava decidido sobre suas conclusões. Alguns anos depois do trabalho *Batem em uma Criança* (1919), ele irá dividir a economia do masoquismo. Consequentemente, em *O problema econômico do masoquismo* (FREUD, 1924/2007), encontram-se algumas alterações nas origens do masoquismo e do sadismo.

Como dito anteriormente, o binômio sadismo-masoquismo toma um novo contorno a partir da entrada do conceito de pulsão de morte. Ambos, sadismo e masoquismo, agora se enlaçam por sua origem na pulsão de morte. “Após uma parcela principal do sadismo original ter sido transposta para fora em direção aos objetos, um resíduo interno teria permanecido, e este seria o masoquismo propriamente dito, isto é, o masoquismo erógeno”. (FREUD, 1924/2007, p. 110).

Para explicar a base originária de masoquismo e do sadismo, Freud (1924/2007) se atém à constiuição da pulsão de morte. Assim sendo, uma parcela da pulsão de morte, predominante nos seres vivos, objetivaria conduzir o organismo a um estado inorgânico, ou seja, à sua destruição. Caberia à pulsão de vida, redirecionar a pulsão de morte para objetos externos, tornando-a inofensiva ao organismo.

Quando direcionada ao mundo externo, a pulsão de morte poderia seguir dois destinos. No primeiro, ela passa a atuar como pulsão de destruição ou vontade de praticar o poder. No segundo, também conhecido como sadismo, a pulsão estará no emprego da função sexual. No entanto, o masoquismo se constituiria exatamente da parcela da pulsão de morte que permanece no organismo, uma vez que

Haveria uma parcela da pulsão de morte que não teria participado dessas transposições. Ela teria permanecido dentro do organismo, e lá, com ajuda da solidariedade excitatória sexual – que já afirmamos existir – entre a dor e o prazer, teria sido fixada [*gebunden*] libidinalmente. Ora, é essa parcela fixada que denominamos masoquismo original. (FREUD, 1924/2007, p. 109).

Em seu processo investigativo, para cada tipo de masoquismo, o psicanalista buscou discriminar as origens, funcionamento metapsicológico e expressão no comportamento humano. Assim, partindo da estreita relação entre masoquismo e pulsão de morte, Freud qualifica o masoquismo em erógeno, moral e

feminino. Em comum, o masoquismo testemunha a fusão entre pulsão de morte e de vida.

Deste modo, o masoquismo erógeno, apesar de ter origem desconhecida, é descrito como a satisfação na dor propriamente dita, que se expressa e ocorre junto à excitação sexual. Pode participar de todas as fases do desenvolvimento e se expressa por diferentes e variadas roupagens psíquicas, entre elas, “as situações características da feminilidade, ser alvo de coito e dar à luz” (FREUD, 1924/2007, p. 110). Esse tipo de masoquismo para Freud, é o testemunho da amálgama entre pulsão de vida e de morte, resquício da primitiva fase de constituição da vida humana. Uma vez que, o masoquismo erógeno torna-se, por um lado, parte da libido e por outro, toma o próprio organismo como objeto.

Em contrapartida, o masoquismo moral, para Freud (1924/2007), será uma das formas mais importantes e de fácil compreensão para a psicanálise, por ser comum no caso de neuróticos. Sua expressão ocorre no sentimento inconsciente de culpa. Freud ilustra o masoquismo moral por meio de casos neuróticos: “é justamente pelo sofrimento propiciado que a neurose se torna mais valiosa para a tendência masoquista.” (FREUD, 1924/2007, p. 111).

Portanto, o masoquismo moral se expressaria pela necessidade neurótica de punição, ilustrada nas fantasias de surra, o que explicaria a tendência que algumas pessoas têm de agir contra si mesmas, de modo errático ou pecaminoso para que sua ação seja posteriormente expiada. Assim, no masoquismo moral objetivaria, “destruir as perspectivas que se lhe abrem no mundo real e eventualmente aniquilar a sua própria existência real”. (FREUD, 1924/2007, p. 114).

Por outro lado, o masoquismo feminino é apresentado como algo amplamente conhecido, sem grandes incógnitas ou novidades para a psicanálise. Sua forma “é a mais facilmente acessível à nossa observação e menos enigmática, sendo discernível em todas as suas relações” (FREUD, 1924/2007, p. 107).

Toda a elucidação sobre o masoquismo feminino, versa sobre fantasias masoquistas masculinas, especificamente em casos de “pervertidos masoquistas”. Os masoquistas seriam geralmente impotentes e suas fantasias precedem o ato masturbatório ou são em si mesmas, a meta de satisfação buscada. Na vida real, os atos e rituais masoquistas servem aos mesmos objetivos da fantasia. Para Freud, o masoquismo feminino era abundantemente conhecido nas fantasias de homens masoquistas, o que o levou a restringir sua análise de casos masculinos, por não

dispor de outros tipos em sua experiência clínica. Freud ilustra as fantasias masoquistas como:

Seus conteúdos manifestos podem ser: ser amordaçado, amarrado, surrado de forma dolorosa, ser açoitado, maltratado, obrigado à obediência incontestada, sujado e humilhado. Em casos mais raros, e apenas com grandes restrições, também incluem mutilações (1924/2007, p. 108).

É possível que esta sentença estivesse atravessada pela cultura de sua época. Como contextualiza Laurent (2012), as fantasias de espancamento e flagelação davam o tom da literatura do século XIX.

Portanto, o caso particular do masoquismo feminino pareceu ser o menos problemático para o autor. Freud (1924/2007) postula o masoquismo feminino como uma “*expressão da essência feminina*” (p. 107, grifo nosso), uma vez que seria “fácil interpretar que, na verdade, o masoquista quer ser tratado como uma criança pequena, indefesa e dependente e, acima de tudo, como uma criança desobediente e má” (p. 108).

Se nos atentarmos à sua interpretação que coloca em evidência traços de uma posição infantil, constata-se que Freud propõe uma nomeação conceitual inusitada. Em vez de nomear ‘masoquismo infantil’, opta pelo adjetivo ‘feminino’. Sua justificativa de sobrepôr o feminino ao infantil se deve à castração, uma vez que os pacientes do sexo masculino em questão se colocariam na posição de uma mulher castrada: “apesar de tantos elementos apontarem para a vida infantil, chamei essa forma de manifestação de masoquismo feminino”. (Freud, 1924/2007, p. 108). Ou seja, ao nomear o conceito, o que pareceu mais relevante a Freud foi sublinhar a função da falta; falta esta, que não deve ser confundida com uma ausência objetiva, pois só pode ser inscrita no plano do discurso.

Essa observação deve ser considerada quando se debruça sobre um aparente paradoxo do texto, uma vez que a tese do masoquismo feminino foi justamente extraída a partir de fantasias de pacientes do sexo masculino, aqui classificados como masoquistas. A descrição das fantasias masoquistas por Freud, se assemelham ao que Krafft-Ebing já havia publicado e à própria literatura de Sacher-Masoch.

Do paradoxo apresentado, constituiu-se aqui uma interconexão entre castração, masoquismo e feminino. Complementa Freud (1924/2007) neste texto,

que a castração, ou seu substituto, o ato de cegar os olhos, marca as fantasias masoquistas ao avesso, em negativo. O negativo dessa marca refere-se à imposição da condição na qual, durante os ritos encenados na fantasia masoquista, os genitais e os olhos não sofram danos.

Desta perspectiva, destaca-se o sentimento de culpa que se delineia no conteúdo manifesto nas fantasias masoquistas. Na pessoa que fantasia, supõe-se que ela cometeu um ato ilícito e indefinido que deve ser redimido por meio de atos dolorosos ou/e tortura. Este tipo de fantasia pode esconder uma conexão com a masturbação infantil (FREUD, 1924/2007).

Da relação entre a masturbação infantil e sentimento de culpa, Freud (1924/2007, p. 108) tentou produzir uma conexão entre masoquismo feminino, erógeno e moral:

Ora, é exatamente desse momento de culpa no masoquismo feminino que deriva a terceira forma de masoquismo, o moral. [...] Na verdade, o masoquismo primário e erógeno é a base do masoquismo feminino, mas para explicar o prazer derivado da dor, temos de nos remeter a alguns aspectos bastante arcaicos.

Na perspectiva de Laurent (2012), a descrição freudiana sobre o masoquismo feminino se aproxima de uma qualidade da posição feminina que será defendida por Lacan posteriormente. Freud não teria se contentado em colocar a perversão masoquista e o masoquismo feminino no mesmo plano. Postula assim, que há uma perversão masculina essencialmente masoquista e uma categoria à parte, o masoquismo feminino. “Freud quis, justamente, inventar um termo que conviesse ao lado feminino, com uma dissimetria”. (LAURENT, 2012, p. 31).

Este estudo corrobora com o autor, no sentido de que Freud em sua elucubração sobre o masoquismo feminino tangencialmente toca algo da posição do feminino que ainda não havia sido explorada. Todavia, o texto freudiano não propõe uma dissimetria, pois, exatamente na parte em que autor procura discutir sobre o masoquismo feminino, ele está se referindo a casos de masoquismo em homens. “Conhecemos bastante bem o masoquismo feminino a partir de fantasias de alguns homens (e me restrinjo a casos masculinos porque esse é o material clínico de que disponho)” (FREUD, 1924/2007, p. 107).

Apesar do profícuo trabalho freudiano sobre as fantasias masculinas, o trabalho sobre a economia do masoquismo parece demonstrar que relação entre os

temas mulher, feminino e dor estavam em conformidade pelo campo psicanalítico, provavelmente refletindo questões sociais de sua época. Todavia, ainda havia algo dentro da discussão sobre feminilidade que tensionava a questão freudiana em torno da mulher.

Tanto que, a tese de que a atividade é masculina e a passividade é feminina será inteiramente revisada posteriormente pelo próprio Freud (1933/2019a), de tal modo que ele será levado a admitir que a polaridade ativo/passivo não dá conta da oposição masculino/feminino. Ele seria válido para o par sadismo/masochismo: ambas as posições poderiam ser encontradas em um mesmo sujeito, independentemente de ser homem ou mulher.

A intensa revisão freudiana sobre a feminilidade irá repousar na sua conclusão em torno do complexo de castração, na fase pré-edípica da menina. No entanto, onde se localizaria o masochismo feminino nessa configuração?

Com isto em mente, a proposta é situar o leitor sobre o modo como Freud encaminhou seu trabalho sobre o masochismo e a mulher.

2.4.1 Complexo de castração e feminino: resoluções (im) possíveis

O desenvolvimento do masochismo feminino está atravessado por outro conceito fundamental para a psicanálise: o complexo de castração.

Cabe lembrar, que o complexo de Édipo e o complexo de castração são orientados pelo encontro com o falo, no confronto com realidade anatômica. Dessa comparação se derivam as fantasias infantis, que serão o motor do complexo de castração.

Primeiramente, Freud apresenta meninos e meninas em posições paralelas e correlatas. Diante disto, no desenvolvimento psicosssexual, meninos e meninas teriam como primeiro objeto de amor à mãe; reconhecendo apenas a existência de um órgão: o pênis. Da descoberta de que os homens têm algo que as mulheres não possuem, surgem as teorias infantis, que são tentativas de responder aos enigmas da sexualidade.

Sobre as fantasias infantis, para os meninos a falta na mulher é entendida como algo que ela perdeu e por isso ele deve bravamente defender-se de tal destino. Essa hipótese infantil é sustentada pelas ameaças de castração em relação à masturbação e o impedimento da satisfação da libido com a mãe. Pelo medo de

perder e para proteger o que já supõe ter, o menino busca o pai como objeto de identificação (possuidor do falo), ao mesmo tempo que rivaliza com ele a posse da exclusividade do amor materno (FREUD, 1925/2019b).

A saída edípica ocorreria pelo abandono do investimento narcísico no pênis e da libido investida na mãe, que se direciona a outros objetos, dando início à fase de latência. Assim, o menino abandona o Complexo de Édipo pelo encontro com os temores do complexo de castração.

Já do lado da menina, encontramos alguns impasses na resolução edípica, por sua peculiar relação com a castração. Ao contrário do menino, Freud acreditava que a menina não resolve ou finaliza abruptamente seu complexo de Édipo (CHASSEGUET-SMIRGEL, 1988). Ela entra no jogo edípico não pela ameaça, mas pelo encontro com a falta no seu próprio. Seu corpo e de sua mãe carregam como marca um órgão faltante – o pênis. Na fantasia infantil isso que falta se encontraria do lado do pai, o que a impele a abandonar a mãe e direcionar sua libido ao pai. Deseja um filho do pai como substituto do falo que lhe foi retirado. A falta de um órgão que seja suporte ao falo no inconsciente, da castração em si mesma e na mãe produz como efeito invejar o pênis e ressentir-se por quem lhe retirou ou ainda, não impediu sua castração: a mãe.

Se por um lado o menino abandona a mãe por temer a castração, a menina nada teme, pois já entra no jogo castrada. A inveja do pênis e o desejo de ter um filho com o pai marcam a tendência da mulher à passividade e como sentença Chasseguet-Smirgel (1988) se constituem como os caracteres que definem a sexualidade feminina em Freud até os anos 1930.

Nesse contexto, os trabalhos *Sobre a sexualidade feminina* (FREUD, 1931/2019) e a conferência sobre *A feminilidade* (FREUD, 1933/2019a) se destacam pelas alterações propostas ao complexo de Édipo e castração feminina.

A partir daqui a ligação primordial com a mãe será tida como característica da feminilidade e “o gérmen da futura paranoia da mulher” (Freud, 1931/2019b, p. 288). Paranoia esta que se expressaria nos amores da vida adulta. Com isto, a transposição de objeto afetivo, mãe-pai, passa a ser o principal conteúdo para o desenvolvimento da feminilidade na perspectiva freudiana.

No complexo de Édipo, a menina teria que se afastar do seu primeiro objeto de amor, a mãe, e direcionar seu desejo ao pai. Ao contrário do menino, que abandona o desejo incestuoso pela mãe temendo a castração, a menina entra no

jogo edípico já castrada, sem algo a perder. E por que ela faria isso, se nada possui? Freud então, elenca que as possíveis motivações para o afastamento da filha residem na relação ambígua e ressentida com a mãe:

[...] que ela falhou em dotar a menina com o genital correto, que não a alimentou suficientemente, que a obrigou a dividir o amor materno com outros, que nunca preencheu todas as expectativas amorosas e, finalmente, que ela primeiro estimulou a própria atividade sexual e depois proibiu [...] (1931/2019c, p. 297).

Apesar disso, tais motivações ainda seriam insuficientes para explicar a hostilidade da relação mãe-filha, que são para Freud a estrutura que configura as relações amorosas da mulher adulta.

A hipótese de Freud (1931/2019b) é que a relação de amor com a mãe termina por ser a primeira e mais intensa, por isso mais plausível de decepções e fracassos. E Freud (1931/2019, p. 293) captura de forma brilhante esse fenômeno em sua clínica: “O amor da criança é desmedido, exige exclusividade, e não se dá por satisfeito com parcialidades”.

A correspondência freudiana a essa decepção é ilustrada pelos casos de primeiros casamentos malsucedidos nos quais as mulheres se casam com intensa paixão. Todavia, “[...] a atitude amorosa fracassaria em virtude dos inevitáveis desenganos e do acúmulo de ocasiões para a agressão. Segundos casamentos, via de regra, acabam muito melhor” (FREUD, 1931/2019c, p. 297).

Deste modo, importa advertir que na atualidade clínica encontramos o desmedido do amor como um dos componentes presentes em relações marcadas pela agressividade, que pode se repetir em vários relacionamentos na vida de uma mulher. Possivelmente, este fato clínico se relaciona às alterações no modo de vida, direitos civis adquiridos pelas mulheres e padrões de relacionamento do século XXI. Não obstante, encontram-se os mesmos padrões na relação mãe-filha, tal como descritos por Freud nos trabalhos sobre a feminilidade. Ou seja, podemos presumir que a cultura pode alterar as expressões sintomáticas, embora muitos caminhos pulsionais permaneçam semelhantes.

Na leitura de Zalcberg (2008), Freud, ao reconhecer a relação mãe e filha como fator de constituição da feminilidade, desvela outra face do amor para a mulher. O amor poder ter um objeto, porém não possui meta, sendo incapaz de se

satisfazer e fadado à decepção. Logo, a menina abandonaria a mãe como primeiro objeto amoroso, por uma insatisfação ou decepção amorosa.

Doravante, a castração aqui se desenha como dissimetria entre os sexos. Freud avança sobre a fase fálica na constituição da feminilidade, ao concluir que o afastamento da menina para com sua mãe é regido pela hostilidade. E a decepção dessa ligação tão intensa tende a acabar em ódio. Com isto, Freud sela uma estreita relação entre amor e agressividade na constituição da feminilidade, afirmando que:

Os múltiplos desejos sexuais, que variam de acordo com a fase libidinal e que, em sua maioria, não podem ser satisfeitos, constituem uma fonte abundante de hostilidade da criança contra a mãe. O mais intenso desses impedimentos ocorre na *fase fálica*, quando a mãe proíbe a atividade prazerosa no genital [...]; ao lado de um amor intenso há sempre uma forte tendência agressiva, e quanto mais apaixonante uma criança amar o seu objeto, mais sensível se tornará às decepções e impedimentos dele advindos. Por fim, o amor deve sucumbir à hostilidade acumulada (1933/2019a, p. 328–329)

Frente às decepções amorosas vividas na fase fálica e à castração, a saída edípica na menina poderia se orientar para três possíveis resoluções, apoiadas nas teorias infantis em torno do falo.

Uma das possíveis saídas, se relaciona à da inveja do pênis (*penisneid*). A menina se sente prejudicada pela falta do pênis e ao desejar o órgão que lhe falta “cai vítima da *inveja do pênis* [Penisneid], que deixa marcas indelévels em seu desenvolvimento e na formação de seu caráter [...]” (FREUD, 1933/2019a, p. 329), grifo do autor). Insatisfeita com seu pequeno clitóris comparado ao pênis, ela abandona a masturbação (entendida aqui como ativa e masculina), afastando-se da masculinidade. Destaca-se que, para Freud os efeitos da *penisneid* na vida pueril da menina marcam os traços comuns ao feminino, como a inveja e os ciúmes em excesso se comparados aos homens. Em suas palavras: “[...] estamos inclinados a atribuir a essa última influência o excedente que há nas mulheres” (FREUD, 1933/2019a, p. 330).

Na outra saída proposta pelo autor, a menina se fixa na masculinidade, identificando-se ao pai como uma modalidade desafiadora de autoafirmação, isto é, apoia-se a uma esperança de ter novamente um pênis e fantasia de ser um homem.

A sexualidade feminina dita *normal* estaria na terceira direção, quando há um abandono da mãe e o pai é tomado como objeto.

Portanto, o complexo de Édipo na mulher é o resultado final de um longo desenvolvimento; ele não é destruído pela influência da castração, mas criado por ele; ele escapa das intensas influências hostis que atuam no homem como destruidoras e, inclusive, muito frequentemente, não é absolutamente superado pela mulher. É por isso que os resultados culturais de sua destruição também são pequenos e de menor alcance. Provavelmente não estaremos em falta se afirmarmos que essa diferença na relação de oposição entre os complexos de Édipo e castração imprime o caráter da mulher como ser social. (FREUD, 1931/2019c, p. 291–292).

Na constituição da feminilidade, a castração não configura um marco simbólico de entrada ou saída edípico, embora desempenhe papel primordial no desenvolvimento da sexualidade feminina, junto à relação mãe e filha.

Apesar dos avanços na teoria, Freud não rompe completamente com a correspondência entre masoquismo e feminino. Se por um lado, no psiquismo ou no organismo não se encontrem as fontes do masoquismo na mulher, é na cultura que estaria a chave da tendência feminina à passividade. A tendência que se assemelha à submissão voluntária de Krafft-Ebing, ambas como expressões normais da feminilidade. Como explica Freud (1933/2019a):

Imposta à mulher socialmente, favorece a formação de intensas moções masoquistas, que conseguem vincular eroticamente as tendências destrutivas voltadas para dentro. O *masoquismo* é, portanto, como se diz, legitimamente *feminino*. (p. 318, grifo nosso).

Ao final de sua obra, o psicanalista deixa claro que os estudos sobre a mulher e a feminilidade ainda estavam em aberto e que com a entrada de mais mulheres no campo analítico, os trabalhos do campo poderiam progredir.

Não obstante, o que se vai encontrar é que, até os anos 1950, mulher, feminino e dor se tornaram quase sinônimos na psicanálise. Posição esta que será revisitada por Lacan.

3 O ENCONTRO DE LACAN COM O MASOQUISMO FEMININO

3.1 CONTEXTO E REPERCURSÕES DO MASOQUISMO FEMININO NO CAMPO ANALÍTICO

Freud (1933/2019), em uma de suas conclusões mais famosas, nos ensina que “se quiserem saber mais sobre a feminilidade, então perguntem às próprias experiências de vida, ou voltem-se aos poetas [...] (p.341)”. Seguindo estes passos, reencontra-se na canção de Caetano Veloso⁶ (1972) que versa em música a questão que tensiona esta reflexão: “Pra quê rimar amor e dor?”. Parafraseando o artista compositor pode-se dizer que Lacan em seu retorno a Freud talvez dissesse: *“pra quê associar mulher e dor?”*.

No círculo psicanalítico, na época de Lacan, pairava quase intocada a ideia da mulher masoquista; de que intrinsecamente a mulher gozaria do sofrimento típico de sua existência. Em resumo, compreendia-se a feminilidade como uma mescla entre passividade, narcisismo e masoquismo (TENDLARZ, 1997). Ponto este tensionado por Lacan em sua tese sobre a feminilidade a partir de uma perspectiva crítica sobre o que havia sido produzido pela psicanálise até então.

Cabe lembrar que a questão da mulher sempre esteve às voltas do desenvolvimento da psicanálise. O final do século XIX e início do século XX, no contexto em que Freud se localizava, foi marcado pelas contradições em relação à sexualidade da mulher e à feminilidade na sociedade e é possível afirmar que estas contradições ainda se mantêm vivas e atualizadas nas duas primeiras décadas do século XXI. Qual seja, da relação estipulada socialmente entre mulher, dor, fragilidade, justificada no campo científico com a tese de Krafft-Ebing (1895/2008)

Iannini e Tavares (2019) lembram que ao final século XIX, a emergência de um discurso médico e jurídico sobre a sexualidade consolidou o ideal do amor romântico e cortês que vinculava amor ao sexo, pilar para as constelações familiares e convenções sociais que fundamentaram o modelo da família burguesa. Ainda que com mudanças, essas ideias sustentam grande parte do imaginário social sobre *como ser uma mulher*.

⁶ Refrão da música “Mora na Filosofia” do álbum “Transa” (1972), composta por Monsueto Menezes e Arnaldo Passos e gravada por Caetano Veloso, quando estava exilado em Londres.

Por outro lado, este mesmo século foi também marcado por lutas pela emancipação feminina na política e no sexo. Este contexto impactou diretamente Freud e a constituição da psicanálise. Como asseveram Iannini e Tavares (2019, p. 21):

As investigações de Sigmund Freud nesses domínios – amor, sexualidade e feminilidade – destacam-se desse fundamento confuso e heterogêneo da cultura oitocentista. O quadro composto por elementos tão heterogêneos quanto concatenados por elementos como o ideal do amor romântico, a hipocrisia sexual e a sujeição feminina não apenas emoldurava externamente o contexto de emergência da psicanálise freudiana, como também seria dissolvido por ela, no gesto mesmo de mostrar suas figuras. Em certo sentido, Freud herda os mapeamentos e as problemáticas do século XIX. Mas, ao mesmo tempo, provoca uma fissura nos saberes.

Por conseguinte, os mesmos autores nos mostram que o movimento psicanalítico na segunda década do século XX foi marcado pela forte presença de psicanalistas mulheres, algo bastante incomum para as profissões liberais daquela época, ainda que o próprio movimento feminista criticasse as concepções psicanalíticas sobre a constituição da sexualidade na mulher.

No mesmo contexto em que Freud está desenvolvendo sua teoria sobre o complexo de Édipo na mulher, algumas psicanalistas estavam se indagando sobre as queixas clínicas de mulheres em relação a inadequações da vida sexual, em especial a frigidez. Como resposta a esta queixa, constroem uma perspectiva na qual o masoquismo feminino seria um atributo constitutivo da mulher. Vejamos alguns exemplos de psicanalistas que consolidaram a relação entre masoquismo e feminino.

Uma das teses mais famosas sobre o masoquismo feminino foi escrita por Hélène Deutsch (1945), psicanalista e contemporânea de Freud, que descreve que a sexualidade normal da mulher seria marcada pela dor, como a defloração e o parto, exigindo-lhe uma atitude passivo-masquista. A passividade na mulher se ilustraria no caráter da feminilidade normal, de deixar-se amar pelo outro, sendo a tendência masquista na mulher um atributo biológico (CHASSEGUET-SMIRGEL, 1988).

Contudo, para descrever a universalidade do masoquismo nas mulheres, Deutsch enfatizou a própria história em detrimento da escuta clínica de outras mulheres (CHASSEGUET-SMIRGEL, 1988; TENDLARZ, 1997). Como bem destaca Tendlarz (1997), Hélène Deutsch se perde ao confundir as devastações do amor e as peripécias da relação da mulher com seu próprio corpo e com o masoquismo.

Seguindo esta mesma linha de pensamento, na qual as inadequações da mulher na vida sexual seriam fruto de condições biológicas, a psicanalista Marie Bonaparte sustenta que a mulher seria um homem que parou de se desenvolver.

Esclarece Gordon (2009), que Bonaparte em seu artigo “*Passivity, masochism and femininity*” (1924), aponta para a estreita relação entre feminilidade, passividade e masoquismo. A função reprodutiva para a mulher estaria vinculada à dor, enquanto para o homem coincidiria com a função erótica. Em relação ao masoquismo feminino, Chasseguet-Smirgel (1988) ilustra que a mulher seria passiva, com poucas tendências agressivas, uma vez que as pulsões agressivas e libidinais dirigidas ao mesmo objeto de amor – o pai – se voltariam contra ela, erotizando-se na forma de masoquismo.

Diferentemente de Hélène Deutsch, que possuía uma visão mais biológica da feminilidade, Marie Bonaparte compreendia que além dos fatores orgânicos e psíquicos, as condições morais e culturais de sua época – que reprimiam mais a sexualidade feminina do que a masculina – também seriam fatores importantes para a elucidação da frigidez feminina. E assim como Deutsch, Bonaparte utiliza-se de elementos de sua própria trajetória de vida, para constituir essa teoria (CHASSEGUET-SMIRGEL, 1988; TENDLARZ, 1997).

Outra perspectiva de grande repercussão foi descrita por Melanie Klein. A psicanalista inglesa retoma o complexo de castração na menina em sua explicação sobre o masoquismo. Propõe que a menina possuiria fortes tendências a incorporar o pênis paterno por suas funções femininas receptivas. Assim, quanto maior fosse a submissão da menina ao pai introjetado, maior poder teria o seu superego, sendo esse, sempre mais severo e forte que o do menino. O masoquismo feminino em Klein seria o retorno do sadismo contra os objetos maus introjetados (CHASSEGUET-SMIRGEL, 1988).

Outras teses foram levantadas na mesma época, no entanto, de modo geral as teses sobre o feminino defendidas pelas autoras pós-freudianas, para além das oposições e dissidências, consolidaram a imagem da *mulher masoquista*, que tem nas dores de sua existência as características, por vezes inatas, que fundamentam a experiência de feminilidade.

E ainda que Freud, como pôde ser visto, tenha por vezes apontado para uma *tendência* masoquista na mulher, sua tese se direcionou para os caminhos da pulsão, e não do instinto. Freud escande metaforicamente do feminino a relação

peculiar da mulher com a dor e a sua reivindicação fálica (ainda seja que levado a alguns tropeços contextuais). Talvez esse seja justamente o ponto que separa Freud das analistas que prosseguiram sua obra: enquanto Freud encaminhou a leitura do feminino para uma elucidação simbólica, as autoras pós-freudianas se ancoraram no imaginário e nas próprias experiências individuais.

Tem-se assim, o cenário da primeira metade do século XX, no qual se observa que a psicanálise fundiu e/ou confundiu o masoquismo e o feminino em diferentes momentos, produzindo alguns embaraços pelo caminho. O mais importante desses embaraços foi a consolidação da tese de um masoquismo inerente à experiência de se constituir mulher.

Por conseguinte, o que se vai encontrar é que até os anos 1950, mulher, feminino e dor se tornaram quase sinônimos na psicanálise e é deste ponto que Lacan inicia sua argumentação sobre o masoquismo feminino.

3.2 DA CRÍTICA CONTEXTUAL À PROPOSIÇÃO CONCEITUAL: NOVOS CAMINHOS PARA O MASOQUISMO E O FEMININO

O tema da sexualidade feminina e do masoquismo ganha novos contornos com a proposta lacaniana de retornar a leitura de Freud. Este fato aconteceu em consonância com as novas reivindicações e produções acadêmicas promovidas pelos movimentos feministas, tal como ocorreu com Freud assim como acontece na atualidade. Isto ilustra o modo como a psicanálise orienta seu desenvolvimento pela subjetividade de sua época, sem, no entanto, perder de vista o sujeito e suas particularidades.

Por conseguinte, não é inusitado que Lacan ao longo de sua obra tenha se detido pouco sobre a temática do masoquismo feminino. Embora seja peculiar o modo como ele se propôs a percorrer essa jornada.

O percurso conceitual do psicanalista se inicia em seu seminário sobre *As formações do inconsciente*, de 1957-58 e desaparece após o trabalho em torno de *A lógica do fantasma* de 1964. “Desaparecimento” este que pôde produzir aberturas e continuidades ao tema por seus comentadores.

A contribuição de Lacan sobre a temática foi decisiva e modificou toda a compreensão anterior acerca do masoquismo, incidindo especificamente na produção de uma nova lógica de sexuação e constituição da sexualidade feminina.

Neste percurso, identificam-se dois momentos: um revisionista e outro propositivo, que não são necessariamente temporais.

O momento revisionista se inicia no *Seminário 5* (LACAN, 1957-58/1999) e é desenvolvido no texto *Diretrizes para um Congresso sobre a Sexualidade Feminina* (LACAN, 1960/1998), ambos escritos no ano de 1958.

Lacan (1960/1998), inicia um processo de revisão conceitual crítica em torno da temática masoquismo e feminino. Primeiramente, o autor registra sua crítica às analistas pós-freudianas que alinham o masoquismo ao feminino. Em seu direcionamento, conclui que não há evidências clínicas que justifiquem tal elucubração, na medida em que qualquer associação deste tipo seria uma inabilidade de escuta, resultante do preconceito dos analistas. Sua tese realça o campo do desejo e da fantasia, rompendo definitivamente com os pressupostos biológicos ainda vigentes na psicanálise dos anos 1950 e com os as últimas influências da psiquiatria de Krafft-Ebing.

Lacan justifica o argumento ao dizer que, ainda que se encontrem na clínica da perversão masoquista fenômenos que se supunham análogos ao feminino – ser espancado e/ou humilhado –, não se poderia equiparar e justapor feminino ao masculino ou comparar a constituição masoquista à constituição do feminino. Abre assim uma via de compreensão pelo simbólico, do que hoje se denomina violência contra a mulher, que antes de Lacan, era registrado apenas pelo viés da posição imaginária dos analistas.

Nas relações entre o homem e a mulher, a ideia de que a mulher é alguém que recebe pancadas pode muito bem ser uma perspectiva do sujeito masculino, na medida em que a posição feminina o afeta. Mas, não basta o sujeito masculino perceber em algumas perspectivas, as suas ou as de uma experiência clínica, uma certa ligação entre a tomada de posição feminina e tal ou qual significante da posição do sujeito, que estaria mais ou menos relacionado com o masoquismo, para que essa seja, de fato, uma posição constitutivamente feminina. É extremamente importante proceder a essa correção, que lhes faço de passagem, do termo masoquismo feminino, introduzido por Freud em seu artigo sobre o problema econômico. (LACAN, 1957-58/1999, p. 257).

Para o autor, a associação entre o masoquismo e o desenvolvimento da mulher seria fruto de uma inabilidade na escuta destas analistas mulheres e não uma evidência clínica, à medida que “[...] o analista está tão exposto quanto qualquer outro a um preconceito relativo ao sexo, a despeito do que lhe revela o inconsciente.” (LACAN, 1960/1998, p. 740).

Prossegue em tom crítico, afirmando que os psicanalistas pós-freudianos produziram obstáculos para a compreensão da fase fálica da mulher retirando o conceito de falo da posição chave para entendimento do desenvolvimento libidinal do sujeito feminino. Lacan (1960/1998) assim classifica como *problema do masoquismo feminino* as teorias psicanalíticas que pressupunham um desconhecimento da vagina pela menina, relacionando maturidade sexual a uma pulsão parcial, pré-genital e regressiva. Deste modo, há uma torção de perspectiva: do *problema* do masoquismo para a *interpretação* do masoquismo.

[...] um paradoxo original da abordagem psicanalítica, a posição-chave do falo no desenvolvimento libidinal, interessa por sua insistência. É aqui que a questão da fase fálica na mulher agrava seu problema, por ter, depois de fazer furor entre os anos de 1927 e 1935, sido deste então deixada numa tácita indivisão, ao bel-prazer das interpretações de cada um. (LACAN, 1960/1998, p. 136)

Outro ponto levantado pelo autor é a aproximação entre a passividade e a regressão na feminilidade. Ao que Lacan (1960/1998) aponta para o oposto: a regressão na menina não poderia ser homônima da passividade, por ser em si mesma, uma metáfora. Reitera que os analistas anteriores teriam direcionado a questão do feminino para uma via imaginária e da identificação, desconsiderando o simbólico.

Tal qualificação, com efeito, não pode ser tomada como simplesmente homônima de uma passividade, ela mesma já metafórica, e sua função idealizadora, inversa a sua nota regressiva, evidencia-se por se manter indiscutida, ao contrário da acumulação, que talvez seja forçada na gênese analítica moderna, dos efeitos castradores e devoradores, desarticuladores e sideradores da atividade feminina (LACAN, 1960/1998, p. 740).

Consequentemente, reitera a ideia de que uma intrínseca relação entre dor e prazer estaria mais próxima de uma distorção de escuta clínica, tal como afirmaram Deutsch, Klein e Bonaparte, do que necessariamente de experiência da feminilidade na mulher. E que o apagamento das relações entre imaginário, real e simbólico – na compreensão da fase fálica – tenderiam a produzir esse erro.

Para Bessa (2012), Lacan foi sensível aos embaraços deixados por Freud ao propor abordar a sexualidade feminina por outro viés. Assim, se por um lado o autor realiza uma revisão crítica sobre o masoquismo e a mulher na psicanálise, por outro e concomitante, ele direciona o pensamento analítico para novos conceitos e

perspectivas. É, portanto, uma crítica necessária ao desenvolvimento da psicanálise para além das margens do imaginário.

No segundo momento, definido como propositivo, o conceito de objeto *a* grafa um ponto de virada teórico, do que estava sendo desenvolvido por Lacan.

O psicanalista francês descreve que com a introdução do conceito objeto *a*, a compreensão sobre o masoquismo feminino seria ainda mais complexa (LACAN, 1962-63/2005). À luz do conceito desenvolvido no seu seminário sobre a *Angústia* (1962-63/2005) Lacan propõe alterações no conceito de masoquismo feminino.

A primeira mudança, seguindo sua linha crítica e revisionista, se opõe à ideia do masoquismo feminino como um derivativo de um superego severo tal como havia sido proposto por Melanie Klein (LACAN, 1962-63/2005) e conclui que: “[...] a posição do sexo difere quanto ao objeto, é por toda a distância que separa a forma fetichista da forma erotomaníaca do amor. Devemos encontrar seus destaques na mais comuns das vivências”. (1960/1998, p. 742). Ao evidenciar o campo do amor, Lacan abre um leque de interpretações sobre a relação do sujeito com o Outro sexo.

Isto posto, em seu seminário sobre a *Angústia*, Lacan (1962-63/2005) retoma o tema do masoquismo feminino, propondo a revisão de outros pontos da teoria freudiana. Para o autor, a tese sobre a angústia de castração ou *penisneid* seria um limite na análise freudiana e, portanto, ponto já superado na psicanálise.

O psicanalista francês afirma que as humilhações e degradações da vida amorosa de mulher são efeitos da estrutura de relação gozo, desejo e lei. Se em Freud esses fenômenos foram denominados de complexo de castração e *penisneid*, em Lacan, tais fenômenos poderiam surgir da estrutura, mas ainda não seriam os melhores termos para descrever a mulher. Por isso, ele alega que são pontos superados na experiência analítica.

Isso quer dizer que todas as Erniedrigungen, as depreciações da vida amorosa, que vêm apontadas, pontuadas por Freud, são efeitos dessa estrutura fundamental, que é irreduzível. Aí está a hiância que não tentamos mascarar, visto que, por outro lado, achamos que o complexo de castração e o Penisneid, que nela florescem, não são, eles próprios, os termos definitivos para designá-la. (LACAN, 1962-63/2005, p. 202).

Conseqüentemente, outro campo a ser superado seria a divisão econômica do masoquismo. Justifica que a associação feminino-masoquismo produziu enganos

e distorções da experiência analítica. Sua tese é de que o masoquismo deve ser unificado.

Em suas palavras: “[...]Se o termo “masoquismo” pode assumir algum sentido, deveríamos encontrar para ele uma formulação que fosse um pouco mais unitária (LACAN, 1962-63/2005, p. 119)”, ao que conclui que a psicanálise deveria

[...] devolver ao masoquismo – seja o masoquismo do perverso, o masoquismo moral ou o masoquismo feminino – sua unidade, [...], vocês verão que o masoquismo feminino adquire um sentido totalmente diverso, bastante irônico, e um alcance inteiramente diferente. (p. 210).

Unificar o masoquismo significa tratá-lo como uma tendência estrutural, de tal modo que não faria sentido tentar adjetivá-lo por um modo particular de sua manifestação. O modo de expressão singular dos impulsos masoquistas importará sim, mas na análise de cada sujeito quando se tentar delimitar como a história marcou os destinos da pulsão para um determinado paciente.

Seguindo tal hipótese, no tratamento analítico deve-se considerar de que modo a pulsão se exprime na configuração particular de um caso, ou seja, de que forma se articula a satisfação dentro de uma lógica de funcionamento. Ao unificar o masoquismo, o autor lançará uma nova tese que destaca a importância do plano da fantasia no (des) encontro entre os sexos. Pergunta Lacan: “será que podemos nos fiar no que a perversão masoquista deve à invenção masculina para concluir que o masoquismo na mulher é uma fantasia do desejo do homem?” (1960/1998, p. 740), reiterando anos depois que “[...] o masoquismo feminino é uma fantasia masculina” (1962-63/2005, p. 210).

Lacan promove um verdadeiro deslocamento da questão, uma vez que, sendo o masoquismo feminino produto de uma fantasia masculina, não se trataria nem do campo da perversão, nem do campo da feminilidade na mulher. O que interessa à clínica seria a relação do sujeito com o objeto *a*. Para o autor, a relação entre a causa de desejo e a posição do masoquista se destacam na posição do feminino, à medida que cada sujeito se conecta com o objeto *a*, à sua maneira.

Destaca ainda que fantasia masoquista sustenta, paradoxalmente, tanto o objeto de seu desejo quanto aquilo que provoca a sua angústia. É um modo de gozo no qual o homem se utiliza do objeto na tentativa de encobrir as angústias do

encontro com o Outro do sexo. Por outro lado, a mulher não recorreria ao objeto para tal feito.

O que o autor buscou demonstrar é que a fantasia não é da ordem do ser da mulher, mas que ela pode em determinadas situações se travestir de objeto de desejo do homem amado para ser amada, como um teatro ou uma máscara. É daí que Lacan busca extrair qual seria a posição de gozo da mulher.

Deste modo, portanto, Lacan (1960/1998) enfatiza que a compreensão sobre a mulher não poderia se reduzir aos pares feminino e masculino ou sadismo e masoquismo, retomando a tese freudiana sobre a libido, na qual “Só existe uma libido, que está a serviço tanto da função sexual masculina quanto da feminina” (FREUD, 1933/2019a, p. 337) e avançando a partir dela.

Relembre-se que na revisão em torno da fase fálica da mulher proposta por Freud (1931/2019c; 1933/2019a) localiza-se o que será melhor explicado por Lacan posteriormente, qual seja, que existem diferenças nas expressões sintomáticas entre os sexos, que poderiam resultar em desencontros no campo da experiência amorosa. Por exemplo, para Freud (1931/2019c), a agressividade da mulher dirigida ao parceiro seria um produto do conflito mãe-filha, ilustrado por casamentos malsucedidos. Em contrapartida, a agressividade do homem dirigida para a mulher tratar-se-ia de componente quase instintivo do homem na sedução, que visaria vencer a resistência possivelmente impostas pelo objeto: a mulher (FREUD, 1905/1996). De modo indireto, Freud aponta para uma satisfação nas experiências que socialmente possuíam um caráter de dor para as mulheres, como o parto, o coito e amor, postulando-as com uma expressão da castração. Assim, mulheres vivenciariam essas dores, por imposições sociais e biológicas, enquanto homens masoquistas buscariam experienciar tal dor, na ritualística da cena sexual. Freud nomeou as exacerbações desse fenômeno no feminino, como um excedente da mulher, produto da castração. No homem, denominou de perversão masoquista. Todavia, nesse percurso imaginário, masculino e feminino se entrecruzaram de formas equivocadas com o masoquismo, possibilitando desentendimentos e até mesmo preconceitos entre os analistas.

Assim, alguns dos principais comentadores de Lacan (LAURENT, 1999; ANDRÉ, 1991; SOLER, 2005) corroboram que Freud ao descrever o masoquismo feminino, teria ratificado um ponto em que a fantasia masoquista da perversão

masculina se aproxima daquilo que é da ordem do feminino. Complementa Bessa (2012, p. 110), que Lacan:

Ao propor o gozo feminino como um gozo suplementar, Lacan segue as balizas freudianas que aproximam o ser da mulher da satisfação masoquista. Ao descobrir que o ser da mulher apontava para um gozo particularizado, Freud acreditou que podia cercá-lo com o conceito de masoquismo feminino. Disso Lacan discorda argumentando que o engano de Freud foi tentar cernir o ser da mulher a partir de uma pulsão parcial. Não é o objeto pequeno a que diz sobre o gozo feminino, embora nada impeça que uma mulher possa se servir dele.

Além disso, defende Soler (2005), a designação freudiana de masoquismo feminino não se refere a uma posição subjetiva, mas sim a um lugar no par sexual. O que Freud explorou nos textos do masoquismo é uma das possíveis versões da parceria sexual, o que Lacan denominou posteriormente de metáforas da sexuação.

Concorda-se aqui com a conclusão de Soler (2005), na qual a tese da mulher masoquista não é freudiana. Embora Freud a tenha introduzido, ele percebe que há uma distinção entre a pulsão masoquista e o gozo que está para além do registro fálico. Em sua investigação sobre o masoquismo, Freud descobre que a fantasia transcende os sexos. Como afirma Laurent (2012), o texto *Batem em uma criança* (1919) descreve uma fantasia transestrutural, na qual Freud soube extrair a afinidade do ser falante com o sofrimento, o que Lacan denominou posteriormente de gozo.

Os textos freudianos sobre o masoquismo dizem mais sobre a desproporção entre os sexos e o gozo do ser falante, do que sobre a mulher em si.

Com isto posto, a tese lacaniana de unificação do masoquismo possibilitou desatar o nó de conceitos que orbitavam em torno do masoquismo feminino freudiano, entre eles: fantasia, perversão, masoquismo e feminino. Encontra-se como resultado, um corte definitivo entre o campo da perversão masoquista e o campo da mulher, diferenciados por Lacan, a partir da relação do sujeito como o objeto *a*.

Seguem agora algumas diferenças apontadas pelo autor na relação do sujeito perverso e da mulher com o objeto causa de desejo. Estas noções auxiliarão a análise diferencial dos casos em que se encontram mulheres em relacionamentos atravessados por violências.

3.2.1 Masoquismo, perversão e feminino

Na tese de Lacan (1962-63/2005) sobre o objeto *a*, os objetos podem ser classificados por tipo e perspectiva. Existem dois grandes tipos de objetos, os compartilháveis (Falo e seus equivalentes, cíbalo e mamilos) e os não partilhados, como o objeto *a*. No que tange à perspectiva, o objeto pode ser exterior (onde se localiza) e interior (ideia de causa). O objeto é algo que desliza ou se desloca para dentro. Ou seja, o objeto essencialmente é algo que se furta a uma captação. Por isso há duas perspectivas: a exterior e a interior ao objeto. O objeto é exterior ao sujeito, mas a satisfação só se alcança quando se liga a algo interior do corpo, sendo a captação do objeto especular. Isto para demonstrar que a angústia não existiria sem um objeto.

A angústia se revela assim, como uma tradução subjetiva possível, pelo que se pode dizer do objeto *a*. O objeto *a* não seria pura intencionalidade, mas causa do desejo. Conforme Lacan (1962-63/2005, p. 115, grifo do autor) o objeto *a* é, “o objeto *atrás* do desejo”.

No caso do perverso, encontramos diferenças entre a posição masoquista e sádica, que se expressam na relação do sujeito como objeto *a* (LACAN, 1962-63/2005). No caso das perversões, o objeto fetiche ilustra a lógica do objeto *a*.

O fetichista não deseja o objeto na medida que o objeto do fetiche é o que causa e sustenta o desejo. Logo, se o desejo pode se agarrar a qualquer objeto, para o fetichista o que importa é que o objeto de seu fetiche esteja presente, uma vez que, é ele – o objeto – a condição que sustenta o desejo.

O objeto *a* demonstra que há uma diferença na estrutura subjetiva das funções do masoquismo e do sadismo, que não poderiam ser da mesma ordem da agressividade e sua reversibilidade. Portanto, o sadismo e masoquismo ocupam funções distintas em relação ao fetiche.

No desejo do sádico se almeja introduzir uma dissociação no sujeito-outro da relação, levando o outro ao limite em que se surja a angústia, como divisão no sujeito. O limite é justamente aquilo que divide um sujeito, na hiância entre a existência e aquilo que o sujeito padece no corpo. Visa-se a angústia no outro, mais do que o sofrimento. O sádico não busca produzir um sofrimento; o desejo sádico tensiona por vibrar a angústia do outro, posto que:

Na realização de seu ato, de seu rito – pois, trata-se propriamente do tipo de ação humana em que encontramos todas as estruturas do rito –, que o agente do desejo sádico não sabe é o que procura e o que ele procura é fazer aparecer, ele mesmo, como puro objeto, fetiche macabro – diante de quem, se, na totalidade dos casos, essa revelação se resume, em última instância, à manifestação do desejo sádico, na medida em que aquele que é seu agente caminha para uma realização. (LACAN, 1963/2005, p. 118).

O oposto disto ocorre no sujeito masoquista. A posição do masoquista encarna declaradamente a si como objeto. O masoquista busca uma identificação com um objeto comum e passível de troca, posto que "é-lhe impossível apreender-se com o objeto que ele é, uma vez que como todos, ele é um *a*". (LACAN, 1962-63/2005, p. 118).

O masoquista compreende-se como identificado ao objeto e tal como o sádico, a identificação só aparece em uma cena. Conclui Lacan (1962-63/2005) que o reconhecimento de si como objeto de desejo é sempre masoquista.

No palco armado, o masoquista surge na função de dejetivo. A função de dejetivo é a aparição do objeto *a* como rebotalho do objeto comum, sendo essa, uma das formas em que o objeto *a* pode aparecer e em específico: "esse é um dos aspectos em que pode aparecer o *a* tal como ilustrado na perversão." (LACAN, 1962-63/2005, p. 120).

Assim, a função da dor não é objetivo da manobra masoquista, mas sim que, por meio da "[...] experiência analítica, conseguiu-se perceber, graças a Deus, que o Outro é visado, que as manobras masoquistas na transferência se situam num nível que não deixa de se relacionar com o Outro". (LACAN, 1962-63/2005, p. 195).

Ou seja, Lacan (1962-63/2005) mostra em seu *Seminário 10* como o masoquista e o sádico visam a angústia do Outro e não exatamente seu sofrimento. Por isso, seria contraproducente orientar a experiência analítica a tomar o masoquismo e sadismo somente pela sua aparência de relação com a dor: faz-se necessário pensar o que tais sujeitos visam produzir no Outro. O masoquista e o sádico visam a angústia do Outro, o gozo do Outro posto em cena, o que seria o oposto da posição do feminino na mulher.

Por conseguinte, os fenômenos do escopo masoquismo feminino se aproximam mais da fantasia masculina do que necessariamente de uma posição exclusiva ou característica da mulher. Ao que se pode concluir que o lugar de dejetivo do masoquista não é equivalente à mulher que é violentada por seu parceiro e que a ritualística de gozo do masoquista não é da mesma ordem da repetição que é

encontrada nos casos de algumas mulheres violentadas. Para Lacan, a mulher em determinadas ocasiões pode responder sintomaticamente a uma fantasia masculina, sem que, no entanto, sua identificação ao objeto, seja a mesma da estrutura perversa. Essa posição sintomática poderia ser umas das versões possíveis para amores entrelaçados à ritualísticas agressivas.

Em comum, o masoquista e a mulher se *fingem* de objeto, no entanto, se diferem ao nível do desejo e do amor. Como resultado, comenta Soler (2005), constitui-se para a psicanálise uma diferença clínica entre a posição feminina e a posição masoquista.

Isto, pois, as oposições feminino e masculino são símbolos imaginários construídos na relação com o Outro, não somente deduzidos do confronto com a realidade anatômica. Neste ponto, apesar de conceder importância ao roteiro que cada sexo recolhe no discurso do Outro a fim de se situar, Lacan faz uma leve inflexão em relação à contribuição freudiana. Ali onde Freud sublinhou a importância da função fálica, localizando a mulher a partir da inveja do pênis, Lacan irá realocar a questão valorizando não somente a falta, mas sobretudo a satisfação feminina. Lacan apresenta então a tese de que a mulher se apresenta superior no campo do gozo, justamente porque este não está completamente submetido à função falo. Há uma diferença na constituição do desejo da mulher em relação ao homem:

Seu vínculo com o nó do desejo é mais frouxo. A falta, o sinal menos com que é marcada a função fálica no homem, e que faz com que sua ligação com o objeto tenha que passar pela negatização do falo e pelo complexo de castração, o status do (- phi) no centro do desejo do homem, é isso que não constitui, para a mulher, um nó necessário. (LACAN, 1963/2005, p. 202)

Prossegue Lacan (1962-63/2005) esclarecendo que o cerne da experiência do sujeito se situa no que resta quando o desejo é satisfeito. Todavia, esse suposto fim do desejo, é um equívoco, pois o desejo não possui um objeto definido que o satisfaça completamente.

Deste modo, como ponto central dessa discussão, se descortina a relação da mulher com o desejo e o gozo revelada na relação amorosa. Do lado do homem, a angústia estaria ligada à possibilidade de não poder ou de perder, o que Miller (2016) denominou posteriormente de angústia do proprietário. Já do lado da mulher,

a angústia se liga às infinitas e indeterminadas possibilidades do desejo que estão ao redor dela.

O que Lacan começa a desenhar é que a mulher possui peculiaridades no campo do gozo, sem, no entanto, dizer que ela é masoquista. Pelo contrário, justamente, na última vez que o autor cita conceito de masoquismo feminino, na sua discussão sobre as fantasias, ele afirma:

[...] que uma mulher não é naturalmente masoquista. Ela não é naturalmente masoquista, e por quê? É porque, se ela fosse, com efeito, "masoquista", isso quereria dizer que ela é capaz de desempenhar o papel que o masoquista dá a uma mulher. O que, bem entendido, dita um sentido completamente diferente, nesse caso, ao que seria o masoquismo feminino. Ela, a mulher, não tem justamente nenhuma vocação para desempenhar esse papel. É isso o que faz o valor da empreitada masoquista. (LACAN, 1967/2008a, p. 394).

O psicanalista aponta que não há uma natureza original do masoquismo na mulher e aceitar essa premissa seria um equívoco. Abandonada esta via, abre-se o caminho para a angústia e o gozo, como citado acima.

Assim, ao trabalhar o lugar do objeto *a* na economia do gozo da mulher, Lacan distingue a angústia entre os sexos. A posição do feminino da mulher se relacionaria a uma dor de ser e existir não equivalente ao masoquismo feminino. Ou seja, consentir em pagar o preço da fantasia não faz do gozo ou da mulher necessariamente masoquistas, ou “então trata-se do masoquismo universal do sujeito e caberá dizer: somos todos masoquistas, ainda mais que há um desejo decidido.” (SOLER, 2005, p. 61).

O abandono da ideia de masoquismo feminino enseja uma mudança na própria concepção do feminino e da mulher. A partir daqui é possível afirmar que a feminilidade, o feminino, o ser mulher em Lacan serão metáforas para a falta-a-ser, tentativas de encobrir os efeitos da castração, uma vez que, o ideal de “mulher é uma invenção da cultura, ‘histórica’, que muda de feição conforme as épocas” (SOLER, 2005, p. 30). E que, portanto, seria uma captura imaginária reduzir a experiência de gozo de uma mulher ao masoquismo. Por seu ser não estar todo inscrito na lógica fálica, ela pode ir muito além no campo do amor e do gozo.

A proposição de 1967 serve como alegoria que encerra o debate sobre o masoquismo feminino para Lacan. Como observa Bessa (2012), o autor erradica o

termo do campo da sexualidade feminina ao ampliar sua investigação sobre o feminino e a sexuação, em seu *Seminário Mais, ainda* (LACAN, 1972-1973/2008b).

A partir de então, a sexuação e a castração como constituintes da impossibilidade de completude entre os sexos, serão pontos estratégicos para o pensamento do psicanalista sobre o feminino e sobre as configurações amorosas na vida da mulher.

3.3 O (DES) ENCONTRO ENTRE O SEXOS: AMOR E FALTA

Até aqui, se considerou que não é pela identificação com um objeto menosprezado, ou por uma existência marcada por dores no corpo que se compreende a mulher. No entanto, ainda resta como questão: se o lugar reservado à mulher na fantasia masculina é o de objeto, que efeitos isso pode produzir em uma mulher? E de que forma a resposta dada pela mulher se articula ao que é próprio da sua posição sexuada? Isso tem uma incidência frontal sobre o problema focalizado neste estudo, a saber, o das mulheres que se encontram enredadas numa rotina de subjugação. Conforme discutido, a resposta de Lacan aponta para a dimensão simbólica da fantasia, na qual se localiza a posição que uma mulher poderia ocupar em sua relação com o homem.

Com o ponto final que Lacan propôs ao debate sobre o masoquismo feminino, sua teoria se encaminha para uma sistematização da sexualidade humana. Comenta Teixeira (2020) que Lacan procurou responder aos impasses deixados por Freud, depurando concepções imaginárias sobre o Complexo de Édipo edificadas pelos analistas pós-freudianos. Tal feito produziu uma leitura do Édipo em tempo lógicos e a definição do Falo como significante. Segundo Soler (2005), Lacan remanejou conceitos freudianos enfatizando a castração e consolidando a função do falo como o significante da falta, que representaria a diferença sexual e a falta-a-ser.

No mesmo sentido, Miller (2016) destaca que a novidade de Lacan ao estabelecer o falo como um significante levou a teoria para além do pênis real e da anatomia como um destino. Logo, as posições feminina e masculina serão resultados das experiências infantis, de como cada sujeito caminha na construção da sua identidade sexual. Mas há uma dissimetria entre os sexos no modo de lidar com a falta e a castração.

A sexuação, para a psicanálise, demonstra que o sexo não é algo natural ou espontâneo. A anatomia sexual é insuficiente para discriminar a diferença entre os sexos no inconsciente, sendo necessário que sujeito atravessasse um tortuoso processo de subjetivação do sexo. O desconcerto na sexualidade humana, no confronto com a realidade do corpo e da linguagem produz posições subjetivas distintas. Para a psicanálise, a questão dos sexos implica na análise de como cada um será regido pela lei do falo (ZALCBERG, 2008).

Cabe recapitular com Zalcberg (2008) que na constituição psíquica a criança inicialmente vivencia seu corpo como fragmentado e sem unidade. Aqui, o corpo do Outro é o espelho que precede a unidade de seu próprio corpo. Por meio da identificação a criança vivencia o corpo do outro como seu, vendo-o como uma forma completa. Ou seja, ao nível da imagem corporal, a criança é ela e o outro ao mesmo tempo. Na constituição imaginária do corpo, fundem-se a alteridade e a identidade de si mesmo e “por isso, fala-se de uma paranoia inerente na constituição de todo ser humano: ou eu ou o outro (ZALCBERG, 2008, p. 35)”.

Com a introdução do simbólico e a subjugação do ser à linguagem, tem-se a unificação imaginária do corpo e a matriz simbólica do eu a partir das quais cada sujeito irá construir suas identificações sexuais. No entanto, assevera Zalcberg (2008), para que um corpo tenha consistência é necessário que a criança inscrita na linguagem reconheça aquele corpo como seu. Resulta que, por meio da inscrição fálica, o corpo será por um lado, identificado como próprio e por outro, identificado como sexuado, seja feminino ou masculino.

Desta forma é a linguagem que fornece consistência ao corpo. Nota-se, no entanto, que no caso da menina, ela precisará de um pouco mais do que se sentir pertencente ao próprio corpo. A mulher nunca está certa de poder contar com uma consistência suficiente firme que sustente sua imagem, muito em função da falta de um significante feminino. Paradoxalmente, a mulher pode acabar encontrando alguma solidez para o corpo, mesmo que imaginária, pela adoração que tem ao corpo, o dela ou de uma outra mulher (ZALCBERG, 2008, p. 36).

Em relação à falta, na castração, a menina se depara com a falta em si mesma e na mãe. Com isto, ilustra Zalcberg (2008), a mulher terá que lidar com uma dupla falta: a falta-a-ser (inerente a todos os seres de linguagem) e falta de um significante que o inconsciente possa reconhecer como representante do feminino. O que implica em expressões sintomáticas distintas entre os sexos. Por exemplo, a

autora compara que o medo de perder a beleza para a mulher não seria equivalente ao medo masculino de perder órgão. O homem teme perder o que tem e a mulher teme perder o que ela é. Nesse sentido, o corpo a corpo do encontro amoroso, para a mulher, pode constituir-se como uma tentativa de suprir a inconsistência no próprio corpo.

Como se pode ver, um dos destaques freudianos para a reflexão sobre o feminino foi considerar que o primeiro Outro e objeto de amor da menina é a mãe e que essa relação primária tem efeitos sobre a constituição da feminilidade. A subjetivação não se dá por meio da anatomofisiologia do corpo, mas sim pelo mais e menos, presença e ausência na relação da menina com o falo. Embora não haja uma falta propriamente dita ao nível do corpo feminino, as especificidades de sua anatomia a inscrevem no registro da falta. A menina não possui um órgão que possa ser subjetivado pelo inconsciente. “Não é tanto a anatomia feminina que é o problema, mas como esta é subjetivada: como falta na mãe. Falta não só na ordem no corpo, mas na do desejo e na do gozo” (ZALCBERG, 2008, p. 38).

A castração está intimamente vinculada à constituição psíquica de um sujeito e no caso da mulher, ela se enlaça à castração da própria mãe. Com isto, a primeira grande questão da menina será decifrar o desejo materno. Zalcberg (2008) destaca que enfrentar o enigmático gozo da mãe inscreve uma certa dramaticidade no confronto da criança com a anatomia da mulher.

Frente à castração materna e em si mesma, a menina a nível imaginário pode atribuir a todos os humanos um órgão viril, pensando-se completa e sem falta. Pode ainda, ao nível simbólico da castração, negar a falta e ressentir-se. Por outro lado, ela pode procurar ser o falo que falta à mãe, ofertando o seu próprio ser. Imaginariamente ela se identificaria ao falo, que seria o suposto objeto de desejo para a mãe. A saída pela identificação fálica, por exemplo, dá alguma consistência ao seu ser, ao menos uma primeira. É por isso que esse *ter* para a mãe se traduz por ser o falo que a complementaria:

[...] “ter” o falo tem um preço: a criança entra nisso que se chama de loucura fálica do eu marcado de alienação do Outro. Identificar-se ao falo é isto: satisfazer as exigências de amor como condição inicial de existência. É uma forma de a criança cobrir a castração (a falta) da mãe [...]. (ZALCBERG, 2008, p. 40).

Ao separar-se da mãe e posteriormente do pai, a menina terá um luto a fazer frente à renúncia ao falo. No entanto, quando ela não renuncia à demanda fálica, pode esperar que o homem constitua aquilo que é da ordem do seu próprio ser. Esta seria uma vertente da alienação ao desejo do Outro, que resulta em uma constante demanda de amor impossível de ser satisfeita.

Resulta deste enquadre que, o encontro com as diferenças entre os corpos tenha repercussões distintas entre os seres falantes. Miller (2016) discute que não se trata de uma dedução lógica; pode-se dizer que é contraintuitivo. Isso significa que existe um hiato entre a observação da anatomia e as construções que o sujeito produz. Todavia, mesmo sem uma correspondência direta entre a observação e a produção, existe um labor a ser feito frente a esse descompasso.

Isto pois, a função fálica é o que organiza a estrutura do desencontro no campo do amor, pois o falo é um regulador do gozo. As mulheres não têm a castração como ameaça e, concomitantemente, o significante do falo não regula todo o gozo, tal como ocorreria no sujeito masculino. Assim, a tese de Lacan sobre a sexuação é que uma mulher poderia ter seu gozo em duas posições, uma fálica (todo) e outra não fálica (não todo).

Só que, aí é que está toda a questão, ela tem diversos modos de abordá-lo, esse Falo, de o guardar para si. Não é porque ele é não-toda na função fálica que ela deixe de estar nela de todo. Ela não está lá de todo. Ela está lá a toda. Mas há algo a mais (LACAN, 1972-73/2008b, p. 80).

É dessa perspectiva que o aforismo *A mulher não existe* (LACAN, 1972-73, 2008b) diz que não existe um artigo que possa defini-la, um significante que pode universalizá-la, ou seja, se refere ao um processo de tornar-se mulher na relação com a metáfora fálica e a castração. Como explica Lacan (1972-73/2008b, p. 79):

[...] isso quer dizer que quando um ser falante se alinha sob a bandeira das mulheres, isto se dá a partir de que ele se funda por ser não-todo a se situar na função fálica. É isto que define a... a o quê? – a mulher justamente, só que *A mulher*, isto só pode escrever barrando-se o *A*. Não há *A mulher*, artigo definido para designar o universal. Não há *A mulher* pois – [...] – por sua essência ela não é toda.

O lado do todo, conforme explica Miller (2016) é formado por uma unidade, o Um, que exige um traço que limite o espaço. O falo é justamente aquilo que constitui este traço, o que delimita um campo. Essa borda ao gozo, os limites impostos pela

castração, é modo como Lacan situa o gozo fálico, um gozo ao nível do ter. O gozo fálico foi o que Freud soube extrair no seu ensino sobre a feminidade (MILLER, 2016; SOLER, 2005).

No entanto, adverte Lacan (1972-73/2008b), haveria uma exceção à lógica do todo. Um tipo de gozo suplementar ao gozo fálico. O não todo, o Outro, o gozo feminino serão as nomeações que foram encontradas em Lacan para circunscrever essa exceção. Dentro da lógica do Todo e da exceção - ou seja, posicionado do lado macho das fórmulas da sexuação -, o homem pode se pensar completo, enquanto o Outro sexo apareceria ali como incompleto. A partir dessa lógica é que ganharia sentido o tirânico lugar comum da mulher como um ser inferior ou privado. Uma fantasia constituída de uma cena infantil, que poderia levar ao “princípio da degradação do ser feminino e, também, o princípio da ameaça que esse ser feminino está susceptível de encarnar para aquele que é o proprietário do órgão que funda sua unidade e sua totalidade”. (MILLER, 2016, p. 6).

Assim, temos uma estrutura no desencontro do homem com a mulher. No primeiro nível, há o todo e a exceção. Decorrem dessa lógica as interpretações de que a falta estaria do lado da mulher. Há casos em que a feminilidade pode ressaltar as significações da falta, as insígnias da deficiência, no sentido de que carregar o déficit ou o menos, intensificaria o caráter da feminilidade.

O exemplo de Miller (2016) é de um sujeito masculino que procura na parceira uma prova de sua feminilidade, uma espécie de marca cuja presença provocaria o desejo: a mulher pobre. Marcar a mulher pela pobreza seria uma forma de redobrar a falta desse Outro como intrínseca e qualificadora do feminino. Na fantasia masculina, “o homem pode procurar a mulher por excelência na mulher ferida, na mulher espancada (por ele mesmo ou por um outro), na mulher deficiente, na mulher entravada, na mulher humilhada”. (MILLER, 2016, p. 8). De modo, que ser a *mulher que apanha*, se aproxima de uma resposta da mulher à fantasia do Outro.

Dessa relação entre o todo e não todo se deduzem as identidades sexuais e alteridade. A estrutura elementar dessa lógica é deduzida do ter, que tem repercussões ao nível do ser. Afirma Miller (2016) que o todo é igual a Um e esse valor de unidade é equivalente à identidade. Do lado do Um, a identidade é uniforme, possui traços comuns que permitem uma grupalização de elementos. E por isso o masculino será marcado por uma busca da universalização. O que inclui, universalizar a representação do que é uma mulher. “Essas formações totais

supõem que os elementos sejam suficientemente idênticos para fazer uma unidade e, assim, eles apresentam um caráter de uniformidade” (MILLER, 2016, p. 9). Podemos encontrar essa uniformização, na tentativa masculina de padronizar o corpo da mulher: as formas, as vestimentas, jeito de agir no mundo.

Todavia, do lado não todo, está o Outro, alteridade e não o Um que uniformiza. Está a diferença, ou o sem identidade.

Nesse sentido, ao ser feminino se supõe encarnar a diferença na relação com o Um e consigo mesma, o que levaria de modo implícito, segundo Miller (2016), a mulher a se colocar em uma “vacuidade essencial” (p.10), em uma disponibilidade para receber a identidade do homem, ou como afirma Lacan, o lugar da fantasia que o sujeito masculino atribui à mulher. Este fato clínico, elucida Miller (2016), se expressaria nos encontros amorosos:

Essa partilha sexual é, digamos, uma partilha de besteiras. É uma partilha em que nós conseguimos alojar, simplesmente, em seu lugar, de alguma maneira dedutível, o que Lacan chamava, por exemplo, os dizeres do amor, os grandes lugares-comuns da relação dos sexos (p. 10).

A diferença na expressão dos sintomas entre homens e mulheres, será então determinante para a impossibilidade de encontro entre os sexos, ou ainda, uma não complementaridade entre o casal, como reitera Zalcborg (2008). E por isso, quando falamos de amor em psicanálise, não nos referimos ao estatuto do amor romântico, e sim à relação do sujeito com o Outro e com a falta.

Como ilustra Lacan (1972-73/2008b, p. 31):

Joguei ano passado com o lapso ortográfico que fiz numa carta endereçada a uma mulher – jamais saberás o quanto eu tenho te amada – a em vez de o. Quiseram me apontar depois que aquilo queria talvez dizer que eu era homossexual. Mas o que articulei precisamente no ano passado foi que, quando a gente ama, não se trata de sexo.

Essa diferença é encontrada no modo como cada sexo se posiciona em relação ao objeto *a* no campo do amor: no homem ao modo fetichista e na mulher, eromaníaco. Elucida Miller (2016) que no homem, o fetiche é uma das versões do objeto *a*, possuindo como característica a invariabilidade da lógica do todo: pode ser encontrado em suportes individuais distintos, desde que contenham os mesmos traços. Por outro lado, na mulher, o objeto se apresenta de forma menos objetal. Ele é um objeto que dá suporte ao amor, com acento erotomaníaco (louco). Frente às

repercussões da castração ao nível do ser, uma mulher pode se deixar disponível para receber a identidade do homem, ou como Lacan assevera, ser a fantasia que o sujeito masculino atribui à mulher. Com efeito, a mulher pode buscar ser representante disso que se supõe ser uniforme no desejo masculino.

Nesse sentido, para Miller (2016) o amor ao modo erotomaníaco, versa sobre um amor sem limites, posto que está para além do ter (o falo). “O amor, em sua definição lacaniana - dar o que não se tem -, repousa sobre a anulação completa do ter. É por aí que ele pode visar ao ser como o que está mais além do ter.” (p. 13).

O amor no feminino, tem um acento na erotônimo que o aproxima da loucura. Em sua leitura, acrescenta Bessa (2012), na psicose ou no masoquismo feminino encontra-se uma aspiração em ser aquilo que faltaria ao Outro. Todavia, a autora grafa uma diferença:

No campo amoroso, é possível a uma mulher enveredar pelo caminho de dar tudo para o homem amado, para ser tudo para ele, e ela vai muito longe nisso. Ela busca fabricar seu ser – ser esse impossível de ser representado pelo significante – a partir do ter. [...] o equívoco de Hélène Deutsch consiste em não se ter apercebido de que a solução feminina não gira em torno da lógica do “todo”, mas sim em torno de ser Outro para um homem. A posição feminina, portanto, diz respeito a ser o Outro sexo, aquele que não caracteriza em ser o portador do falo (BESSA, 2012, 126).

A partir disso, descreve Miller (2016) que o gozo poderia se apresentar de duas formas. Do lado masculino, como sintoma e do lado feminino como devastação. A devastação seria uma outra face do amor, mais comum em sujeitos femininos, embora também possa se apresentar no homem. “A devastação e o amor possuem o mesmo princípio, a saber, o grande A barrado, o não-todo, no sentido do sem limite” (MILLER, 2016, p. 17). Já os sintomas seriam da ordem de um sofrimento passível de localização e por isso delimitado.

Dessa forma, se os sintomas podem ser classificáveis por estarem regidos pelo significante fálico, o mesmo não ocorreria com a devastação. Na definição de Miller (2016), a devastação é “ser devastado. O que chamamos de devastar uma região? É quando nos entregamos a uma depredação que se estende a tudo. Não no sentido pequeno; tudo bem completo. É uma depredação sem limites”. (p. 18).

Para Laurent (2012), Lacan localiza na devastação os fenômenos que antes estavam abrigados no conceito masoquismo feminino, encaminhando a teoria para

uma discussão sobre o gozo na privação. Por não ter nada a perder na castração uma mulher pode fazer o seu ser livrando-se do ter. Haveria então, um gozo em ser privada do ter (LAURENT, 2012). Segundo a explicação de Bessa (2012, p. 122) “[...] para todo o ser falante há uma falta, uma falta-a-ser, justo porque não é a biologia que determina que se é homem ou mulher. É importante frisar que essa falta-a-ser suscita um desejo que não se satisfaz pela via do ter”. Uma vez que, ainda que se coloquem objetos na tentativa de responder ao desejo humano, nada será suficiente.

Do gozo na privação, Laurent (2012) buscou descrever as parcerias amorosas por meio do conceito de *potlatch amoroso*. O termo *potlatch* na antropologia se refere a uma prática na qual alguns povos buscam destruir mais riquezas do que seu rival, objetivando humilhá-lo e demonstrar poder. “Nessa prática de poder, não é o acúmulo de bens que dá prestígio, mas sua destruição. Há uma satisfação que se extrai em fazer-se privado, nesse caso, de seus bens” (BESSA, 2012, p. 121).

Descreve Bessa (2012), que Lacan relaciona o *potlatch* ao desejo, para demonstrar a impossibilidade de satisfação em torno de um objeto. Para a psicanalista, o *potlatch* amoroso de Laurent (2012) que seria uma versão possível para descrever os fenômenos que antes estavam no registro do masoquismo feminino.

Nesse mesmo sentido, a conclusão de Laurent (2012) é de que o efeito da fantasia masculina na mulher ocorre por não haver a barreira de ameaça da castração, o que permite a ela dispor o seu ser e o seu próprio corpo para se mascarar de objeto de desejo do Outro. Logo, algumas mulheres poderiam “consentir com a fantasia do homem em posições subjetivas em que a dor e a humilhação estão ligadas, é que elas se encontram ao abrigo da castração, e é por isso que elas podem ir mais longe que os homens nos caminhos da dedicação ao amor” (LAURENT, 2012, p. 82).

Assim, no caso da mulher, por não estar sob ameaça, seu ser é forjado como se não tivesse nada a perder. Por isso, quando Lacan diz que o gozo da mulher é não-todo, ele se refere aos limites impostos pela inscrição fálica. Nessa trajetória de se fazer mulher, sem a referência ao universal fálico, ela pode buscar no gozo do Outro o seu próprio ser. Ou seja, aspirar a ser o objeto projetado pela fantasia do homem seria um modo de suportar a própria falta, na medida em que o

amor, para uma mulher, é uma forma de dar consistência ao ser, frente à falta do ter o falo.

É neste ponto que o imaginário entra em jogo e que as convenções sociais se enlaçam ao estatuto da castração. Portanto, quando Soler (2005, p. 63) afirma que, a mulher na posição de objeto, “reveste-se de brilho fálico para ser o objeto agalmático”, é a que mulher se traveste de masoquista para ser objeto do desejo do Outro. E complementa a psicanalista, “[...]o objeto agalmático que cativa o desejo só retira seu poder da falta que inclui. Esse fato estrutural está na base do que bem poderíamos chamar de “mascarada masoquista”. (SOLER, 2005, p. 63).

A mascarada feminina possui muitas expressões: do mesmo modo que o sujeito pode se utilizar da beleza ou do poder para dissimular a dor ou a falta, pode-se também, ao contrário, pela via da mascarada masoquista, ostentar a dor e falta. Situação esta que se encontra em casos de mulheres subjugadas ou até mesmo espancadas na parceria amorosa, pois, como ilustra Soler (2005), a mulher “às vezes chega a rivalizar na insuficiência e até fomentar falsas fraquezas” (p. 63).

A mascarada não pode ser resumida a uma simulação, uma vez que essa anuência pode levar a uma efetivação do sacrifício. “Essa mascarada tem em comum com o masoquismo o fato de fazer cintilar o avesso do objeto agalmático, a falta que fundamenta seu brilho e que lhe anuncia, talvez, o destino prometido no amor, ou seja, a redução a um mais-de-gozar do outro” (SOLER, 2005, p. 64).

Como lembra Soler (2005) a psicanálise desde Freud buscou elaborar um saber sobre a vida amorosa dos sujeitos, todavia a teoria tem reiterado o que a autora denomina de “*maldição entre os sexos*” (p.160). Assim, se por um lado o inconsciente por se estruturar como linguagem só poderia conhecer o Um, por outro:

O amor aspiraria ao dois para inscrever a relação de fusão ou efusão dos parceiros, mas o inconsciente condena o sujeito à separação do Sexo. Entre o homem e mulher existe o muro, o muro da linguagem, dizia Lacan, que cunhou seu “amuro” para estigmatizar o impasse no lugar em que efetivamente se manifesta (SOLER, 2005, p. 161).

Assim, nas relações amorosas em que se entrelaçam amor e violência, haveria uma exacerbação das dissimetrias entre os sexos. Do lado da mulher, se posicionar como objeto pode ser uma tentativa inconsciente de dar consistência às fantasias produzidas na sexuação sobre o que seria ser uma mulher. Não sendo

relações marcadas pelo masoquismo, mas sim, pelas consequências da castração e do (des) encontro amoroso.

A partir dos avanços da teoria lacaniana e a fim de ampliar essa perspectiva, no próximo capítulo se buscará ilustrar esses conceitos por meio de um extrato clínico e outras cenas encontradas em casos que envolvem mulheres e situações de violência.

4 CLÍNICA PSICANALÍTICA E A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

4.1 UMA CLÍNICA EM TRÂNSITO

Ao longo do presente trabalho foram percorridos os caminhos traçados pela psicanálise em torno do masoquismo e do feminino, visando as intrincadas relações da mulher com o que hoje se conhece como violência doméstica. Foi possível compreender dessa forma, que Lacan avança na teoria analítica ao desconstruir o engodo produzido pela associação masoquismo-feminino e ao propor outros operadores conceituais para a clínica com sujeitos femininos.

Neste capítulo, pretende-se descrever como alguns destes operadores teóricos poderiam ser articulados ao trabalho clínico com mulheres que vivem agressões e humilhações na parceria amorosa. Para tanto utilizou-se uma vinheta clínica, que auxiliará a ilustração de alguns pontos em comum que foram encontrados nas histórias que ouvidas, buscando extrair da singularidade do caso elementos que possam ser úteis a outros analistas.

Cumprido destacar que os casos tratados foram ouvidos no contexto institucional, em serviços de saúde pública que possuem particularidades que se acreditou serem relevantes apresentar para esta proposta de discussão clínica.

Como dito anteriormente, a repetição de cenas que entrelaçam roteiros de amor e dor - em casos de violência doméstica - se destacou na escuta clínica e ensejou esta pesquisa.

Por exemplo, algumas mulheres relataram com detalhes as brigas e ameaças que as levaram a buscar uma “ajuda”, posto que nem sempre se trata de um pedido de análise. O tema disparador do embate era quase sempre uma suposta traição ou um pedido/ameaça de separação. O ciúme geralmente é o desencadeador da desavença, com apresentações diversas seja do lado dela ou dele. Ela busca comprovar que foi traída por ele; ele supõe que foi traído por ela. Na presença de álcool e outras drogas, as brigas tendem a ser mais perigosas. São cenas que se repetem ao longo do relacionamento, em uma espiral de intensidade na qual além das agressões físicas e verbais, o companheiro ameaça a vida da mulher e de seus filhos, com facas, facões e armas de fogo. Percebeu-se que, a intensidade das agressões e ameaças geralmente se acentuava quando a mulher

começava a propor uma separação definitiva ou uma “denúncia”. Ameaça que poderia ser sintetizada na frase: “*se você propuser separação, eu te mato*”.

Dado o risco de vida, esses casos são considerados de alto risco para um feminicídio, sendo o abrigo uma das medidas protetivas sugeridas. Todavia, algumas mulheres recusavam o abrigo e outras tantas, voltavam a morar com o parceiro agressor. Quando questionadas sobre a real potencialidade de serem assassinadas pelo parceiro, diziam algo como “*ele não faria isso comigo*”.

Em outros casos, elas retornavam ao serviço após algumas semanas, para relatar como o relacionamento estava mais tranquilo, pois agora o companheiro sabia que poderia ser preso. Ou ainda, mulheres que, após realizarem a denúncia criminal com a instauração de um processo judicial e de acompanhamento interdisciplinar, meses depois, voltavam para o parceiro ou encontravam um novo amor, com as mesmas características do relacionamento anterior.

Neste cenário, constatou-se que mulheres em situação de violência doméstica, quando procuram uma instituição tendem ser acolhidas pela perspectiva da urgência. Elas são ouvidas nesse atravessamento de tudo o que teria que ser revolvido em suas vidas, conforme a análise do Outro-equipe-instituição. Há uma predominância dos objetivos da instituição, em detrimento da queixa do sujeito em questão.

Essa desobjetivação do discurso do sujeito talvez seja efeito do encontro com o horror que a violência causa à equipe quando ela se depara com a urgência do corpo mutilado, de uma história despedaçada ou de poucos recursos simbólicos, da miséria financeira, da fome, da falta de acesso ao Estado e da realidade do risco de morte presentificada nas ameaças do parceiro-agressor. Nesse campo, é interessante considerar os efeitos que essas cenas provocam em quem escuta a queixa, cientes dos efeitos transferenciais do encontro.

Isto, pois, na clínica tradicional da psicanálise, o sujeito é ativo na imaginária busca por algo que suspenda seu sofrimento. Um sujeito que padece de seu sintoma, recorre ao analista em busca de algo que conforte o seu mal-estar. A queixa, de modo genérico, endereça ao analista um pedido de ajuda. Já no serviço público, encontra-se uma outra configuração: o sujeito não procura um analista, mas uma instituição. Nesse cenário, a transferência com o lugar, com os outros membros da equipe e os discursos que atravessam a instituição serão pontos a serem

considerados na conduta analítica. Em comum, pode-se dizer, que em ambas as situações, o sujeito busca uma resposta.

Doravante, o sujeito que procura uma instituição de saúde pública, não necessariamente, possui uma demanda de análise. Neste enquadre, o analista seria mais ativo no seu papel de receber alguém em análise. O analista convida o analisante a adentrar nesse processo.

Outra característica da psicanálise na saúde pública que se difere daquele a que estamos tradicionalmente habituados é se poder ouvir uma mesma história por diferentes perspectivas. Não é incomum, nos casos que envolvem violências, que seja feito o atendimento ao casal, à família, filhos, vizinhos, ainda que de forma pontual. A orientação do analista é a escuta singular de cada sujeito, no entanto, é possível perceber que este caleidoscópio de histórias atravessa tanto o analista quanto o analisante.

Soma-se a este cenário, que a escuta ocorre de forma transitória. Há casos em que o sujeito busca o serviço e não volta, ou ainda retorna meses ou até anos depois. Nos casos de pessoas que convivem com o HIV, o acompanhamento ocorre ao longo da vida do sujeito, sendo assim, há momentos em que ele busca o analista, outros não. Existem casos que são acompanhados por um tempo sequencial (diário, semanal, quinzenal) e outros que se não passam das entrevistas preliminares. O que resulta é que nem sempre temos acesso a história pregressa daquela mulher.

Há ainda, o caráter do imediato: escutar um caso, logo após a violência vivida. Algumas histórias atendidas na saúde pública possuem contornos mais cruéis, do que aquelas que geralmente chegam ao consultório particular do analista. As equipes podem se deparar com a face cruel que a agressividade humana pode produzir. O encontro analítico pode ocorrer em um hospital, logo após uma cirurgia de emergência, resultado da última agressão. O rosto e corpo podem estar ainda cobertos pelas marcas da violência. Há no mínimo um desafio a ser trasladado: manter-se disponível ao outro, frente ao horror assistido.

De fato, há uma urgência (as medidas protetivas têm prazos, as profilaxias têm tempo específico, etc.) que nem sempre estão em consonância com as demandas subjetivas do sujeito. O que se quer ressaltar é o desencontro do tempo do Outro com a demanda do sujeito. Aos analistas lhes caberia ouvir o que está para além desse caráter de urgência, sem necessariamente estarem desatentos aos riscos colocados em questão.

É nesse sentido que essas especificidades descritas foram nomeadas como uma *clínica em trânsito*, tanto pela transitoriedade subjetiva quanto pela passagem temporal dos sujeitos pelo analista. São acompanhados diferentes momentos da vida dos sujeitos, de maneira esporádica e irregular no tempo, mas de modo persistente pela transferência.

Diante desse contexto do atendimento psicanalítico, será apresentado a seguir, um extrato clínico que servirá de guia para ilustrar as especificidades do trabalho clínico com mulheres em situações de violência perpetradas pelo parceiro. Por se tratar de um extrato clínico, será usada a primeira pessoa no relato.

4.2 BATE-SE EM OUTRA MULHER: UM CASO DE AMOR E DOR

Rafaela tinha aproximadamente 30 anos quando me procurou na unidade de saúde. Fora diagnosticada com HIV havia mais de 10 anos e as várias dificuldades em seguir o tratamento acarretaram-lhe uma série de doenças oportunistas. De modo geral, só procurava a unidade quando seu quadro de saúde se agravava. A equipe a considerava uma paciente difícil, problemática e chata, uma vez que em sua atitude para com os profissionais transparecia desprezo pelas orientações e solicitações que lhe eram feitas. Das raras vezes que procurava auxílio do serviço, a equipe dizia-lhe que deveria conversar com a psicóloga, o que ela às vezes fazia, sempre demonstrando certo contragosto. Ela vinha ao meu encontro, mesmo sabendo que não era obrigada, falava pouco sobre si e voltava apenas quando lhe convinha. Rafaela, de modo geral, só falava sobre o que precisava naquele momento específico: uma consulta médica, um exame ou um encaminhamento.

Era uma mulher de poucas palavras, que nunca sorria e que o risco da doença ou da morte parecia não lhe afetar. Um dia, me procurou para dizer – em desespero – que o seu namorado estava no serviço para realizar o teste de HIV junto com ela. Relatou que não havia revelado seu diagnóstico ao namorado, mas que ele queria fazer o exame, pois estavam iniciando um relacionamento amoroso. Para ela, era uma situação sem saída: não queria que ele descobrisse sua doença e não conseguiu recusar seu pedido de ambos realizarem o exame de HIV. Queria encontrar uma saída, na qual seu segredo não fosse revelado. Olhando para a janela da sala, parecia não ouvir o que lhe era indagado. Em um sobressalto, saiu da sala apressada, tentando evitar que o namorado não desconfiasse de nada.

Cabe dizer que a execução e entrega de laudos de exames são realizadas individualmente a portas fechadas. Assim, logo após a entrega dos resultados, Rafaela montou uma cena: omitindo seu resultado de exame, convenceu o namorado de que ambos descobriram naquele dia que estavam com o vírus do HIV.

Alguns dias depois, desconfiado, o namorado a pressionou para revelar a verdade. Diante de sua negativa, ele enfurecido, encharcou o corpo de Rafaela com álcool enquanto acendia palitos de fósforo próximos a ela, até que ela confessasse que o havia “contaminado”. Seus ombros e costas ficaram marcados por leves queimaduras, resultantes da aproximação do fogo com a pele embebida em álcool. Ele lhe dizia que iria matá-la, mas ela não acreditava que ele fosse capaz de tal ato. Ambos continuaram como namorados, sendo atendidos pelo serviço.

Descobrimos posteriormente, que o namorado em questão era casado com outra mulher. Dividiam a mesma casa, mas não conviviam em relação conjugal. Ele já estava envolvido com Rafaela quando sua esposa iniciou um flerte com outro homem. Ao descobrir o flerte, ele prendeu a esposa em casa, cortando seu cabelo e seu rosto com um facão. Sequencialmente, ele se cortou, derramando sangue nela, na intenção de que ela se contaminasse com vírus do HIV.

Após uma noite de agressões, embriagado, ele a estuprou e dormiu em seguida. Nesse momento, a esposa conseguiu fugir e ele foi apreendido pela polícia. Dias depois, Rafaela retornou ao serviço, com uma expressão inabitual: desta vez, ela estampava um sorriso no rosto. Mais serena do que antes, nos disse que naquele momento ela estava tomando “os remédios”. De fato, ela estava aderente ao tratamento medicamentoso e havia se colocado como responsável pelo namorado na cadeia, levando medicação, comida e roupas nas visitas frequentes que fazia a ele. Sobre todos estes eventos, disse apenas que: *“o que ele fez foi errado, mas ela [a esposa] merecia”*.

Rafaela, a partir daquele momento, era a única mulher para ele. Com ele ainda na prisão, eles se casaram e tiveram um filho, alguns anos depois. Ele permanece preso e ela se tornou uma mãe zelosa e uma mulher que deseja para além da morte.

4.2.1 Reflexões clínicas no contexto de violência contra a mulher

O horror da agressividade contida no caso de Rafaela pode precipitar inúmeras interpretações. No entanto, é importante dar um passo para trás, buscando extrair do caso algumas hipóteses sobre a relação da mulher com a castração e o amor.

No primeiro momento, o que Rafaela demanda do analista é uma resposta que possa fazer véu à descoberta de ser castrada, ou ainda: marcada pelo significativo HIV, ela não poderia ser signatária do amor desse homem.

Para a psicanálise, a demanda de amor se origina nas relações de satisfação com a mãe, colocando em jogo a importância da resposta do Outro à demanda de amor endereçada. A falta de resposta a essa demanda (impossível de ser satisfeita) marca a criança. E como complementa Zalcberg (2008) não haveria nada mais poderoso do que um amor que não se dá, pois, isso captura o sujeito na dependência da falta de uma resposta. Como o caso de Rafaela, que tem que ser fazer completa (sem vírus) para ser A mulher, no lugar imaginariamente ainda ocupado pela esposa.

Com a impossibilidade de se satisfazer por completo a demanda, algo resta. O resto produzido pela demanda é o que Lacan nomeou de desejo. Ou seja, “[...] Lacan quando define amor como desejo do desejo do Outro, está implícito o desejo de receber do Outro aquele “nada” que veicula o próprio desejo” (ZALCBERG, 2008, p.40)

Assim, para a mulher seria mais difícil se separar (ao nível da demanda) do Outro do amor, à medida que, desde a separação do Outro materno, a demanda de amor será uma tentativa de encobrir o vazio, como um véu para a falta. Quando no caso de Rafaela, a castração surge do outro lado (esposa) ela pode se cobrir com a identificação ao falo e ser imaginariamente A mulher na fantasia do homem amado. Neste sentido, estamos nos referindo ao desejo humano de se sentir completo, sem furo e não a um tipo de masoquismo. Sobre isto, comenta Laurent (2012, p. 49) que:

Para Lacan, o “masoquismo feminino” de Freud torna-se uma resposta ao paradoxo de Outro gozo: a esperança humana de completude se funda em uma recusa estrutural a renunciar à perda da mãe como objeto primordial imaginado. A descoberta, por Lacan, dos laços entre Real, o instinto de morte, o masoquismo primário e a feminilidade constitui um avanço em relação aos argumentos biológicos de Freud [...].

Rafaela oferece o corpo sem resistência para ser queimada, se deixa ser encarcerada por ele. Cumpre acrescentar que à época desse momento do caso, a delegada da polícia civil procurou Rafaela pessoalmente (algo incomum nesses casos), que negou tudo o que estava acontecendo, para se manter com o parceiro. Para registro de que, nem sempre essas condições de perigo se referem à falta de acesso ao Estado. Com o conhecimento de que existem inúmeras discrepâncias pelo país, não se objetiva generalizações, apenas se busca apontar para o que surge como exceção no contexto da clínica.

Saindo da perspectiva do masoquismo, a castração e falo podem auxiliar na compreensão do caso. Na constituição do feminino, a identificação fálica inscreve marcas e na mulher, conforme Zalcberg (2008), a castração tem valor de perda de amor, logo é preciso ser amada para ser. Isso daria certa consistência ao próprio corpo. Desejar o pênis, nesse sentido, não entra na dimensão do ter ou de um instrumento de gozo. O ter aqui, apresenta-se para a mulher como uma garantia do amor do Outro. Ao fundamentar sua existência se oferecendo como objeto que possa satisfazer à mãe, a menina acredita dessa forma que será amada. Como se vê, identificar-se ao falo é uma forma de alienação do desejo.

O amor nessa faceta imaginária proporcionaria a experiência de maior proximidade com a completude e que, na mulher, tem papel mais preponderante do que no homem. Ser completa tal como ser amada, poderia diluir os efeitos sideradores da castração e produzir certa opacidade aos ritos violentos vivenciados por uma mulher.

Se desejar o desejo do Outro é sempre da ordem do amor, para ser no desejo do Outro, uma mulher pode entrar em uma série de abstenções e sacrifícios para permanecer no lugar de objeto amado pelo homem, como por exemplo, sair do trabalho, ter filhos, mudar suas roupas, romper amizades e relacionamento familiar. Do lado subjetivo, as humilhações e deprecições que o parceiro endereça a ela tensionam a fantasia de si mesma: *se ele diz que sou burra, então nada sei*.

Como Rafaela, não é incomum encontrar mulheres que dispõem de suas vidas, de seus corpos, de seus filhos, para a manutenção de um relacionamento marcado por agressões constantes. Estes são casos que desafiam a escuta, em que a pulsão de morte está conjugada ao enlace amoroso.

A estrutura de relacionamento de Rafaela, assim como outros semelhantes, se aproxima do que Laurent (2012) nomeou de *potlatch* amoroso. O gozo na

privação está diretamente ligado à castração. No caso da menina, de saída ela já seria privada do pênis. A partir de então, se encontram mulheres que regidas pelo gozo da privação se entregam com devoção ao amor, incluindo o despojar-se do próprio corpo. Um tipo de amor, que podemos encontrar em Rafaela e outros casos similares. Como ilustra Bessa (2012, p. 123):

São mulheres que se desfazem de seu ter para fazer-se ser no campo do Outro, permitindo que construam um ser pela via da privação. São capazes de qualquer tipo de concessão em nome do amor de um homem, para assim fabricar seu ser mulher. [...] Não se trata aí de nenhum masoquismo, mas do tipo de satisfação engendrada pela privação.

No feminino, o amor na privação se enlaça à designação do ser. Conforme Bessa (2012) uma mulher pode buscar nas palavras de amor um significante que represente o seu ser: “É pela via do amor que se abre a perspectiva de se fazer toda, de encontrar um significante justo ali onde o significante não responde (p.124)”.

Nesses casos, uma mulher poderia se tornar mais dependente dos signos provenientes do objeto amado, por exemplo: de amante à esposa oficial, a tentativa de feminicídio de outra mulher parece fazer signo de amor para Rafaela. Hipoteticamente, pode-se fazer um paralelo com o primeiro tempo da fantasia de surra, na qual *meu pai bate em outra criança* se apresenta como *ele bate em outra mulher*, sendo ambas, configurações da prova de amor, da busca que algumas mulheres podem empreender na tentativa de obturar a falta-a-ser. Tanto que, a partir de então, se observa toda uma organização da vida como esposa, cuidadora de si e do outro e, posteriormente, mãe após o ato de agressão endereçado a outra mulher.

Além disso, é possível relacionar o gozo na privação à prisão. O auge do cuidado de si, do afastamento do desejo de morte ocorre justamente após a prisão do companheiro. Ela teria derrotado a rival de tal forma, que pôde se despojar do objeto amado. Com a prisão do parceiro, ela tem certo poder sobre ele, um domínio sobre o amor e corpo do Outro.

Na parceria amorosa uma mulher pode buscar dar tudo a um homem para ser tudo para o amado. Segundo Bessa (2012), ela pode ir muito longe nisso, buscando o seu ser, a partir do ter. Isso incide sobre uma posição do feminino e pode ser uma orientação para clínica:

O primeiro passo consiste em perder, tal qual na prática do *Potlatch*, mas, justamente, por ser um sujeito que está não-todo no gozo fálico, ela pode-se interrogar sobre o que quer nessa parceria e parceria e perceber que não é nada para o outro, o único lugar que lhe é reservado é o de objeto maltratado. Isso porque a questão feminina não é ser tudo ou nada para um homem, mas ser o Outro sexo para ele. (BESSA, 2012, p. 126)

Essa mesma estrutura é encontrada em relacionamentos duradouros que também são atravessadas por humilhações e espancamentos. Aqui a devoção ao amor poderia ajudar na compreensão dos casos. Conforme Bessa (2012) por não terem nada a perder, as mulheres podem se entregar com maior devoção ao amor, que não se restringe ao amor ao homem, podendo ser aos filhos ou a uma causa. Nesse cenário inclui-se a esperança percebida em algumas mulheres de que, quanto mais ela se dedicar ao amor, mais chances ele terá de mudar. Ou ainda, como muitas vezes elas falam no atendimento, de que ela suporta todas as dores e humilhações para que *o filho* tenha um *pai*.

O caso de Rafaela também é emblemático por ilustrar diferentes abordagens da agressão de um homem ao corpo de uma mulher. O uso do facão, no caso, ou outras armas poderia ser uma tentativa de suporte ao falo para manter o ideal de virilidade masculina frente à castração do Outro. Contudo, a localização da agressão interessa-nos destacar: os genitais femininos são preservados. Nesse caso, como em outros, o ato violento se dirige a partes específicas do corpo tais como rosto, cabelos, ombros e a região do ventre feminino. São partes do corpo que imaginariamente poderiam sustentar (ainda que de forma inconsistente) os atributos da feminidade, uma vez que, ao contrário do homem, a mulher não possui um órgão que seja suporte para o falo no inconsciente.

Com Brousse (2019) acontece a retomada para algumas questões que Lacan desenvolveu sobre o corpo feminino. Lacan fez uma distinção ali onde Freud supôs a perversão polimorfa. Por não ser o gozo genital por natureza não há nada na mulher que poderia ser atrativo ao homem, assim como não há nada que atraia uma mulher no corpo masculino. Ao contrário do imaginado socialmente, “somos atraídos por uma marca singular que não conhecemos, mas que de certo modo experimentamos” (BROUSSE, 2019, p. 26). Daí a afirmação lacaniana de que a inveja do pênis seria um ponto já ultrapassado na análise freudiana.

O corpo de uma mulher se parece com o do homem, por isso Lacan afirma que o corpo da mulher não existe, restando os símbolos e as imagens que ela carrega (BROUSSE, 2019).

Afirma Brousse (2019, p. 26) então que:

[...] o corpo feminino não existe. Há um corpo de fêmea, isto é, de mãe, e o resto é discurso. A maquiagem, as roupas, isso faz parte do discurso e a melhor prova disso é que muda de acordo com ele, histórica e geograficamente. Mas os discursos, hoje, não recobrem mais o real.

Assim, o corpo da mulher pode ser suporte de uma série de signos que a inscrevem na cultura como feminino e dizem sobre o corpo da mulher, mas não sobre ser mulher. Ou seja, o corpo biológico por não ter identidade, pode ser recoberto pelo significante. Nas palavras de Lacan (1972-73/2008b, p. 56):

Não conhecemos outro suporte pelo qual se introduza no mundo o Um, se não for o significante enquanto tal, que dizer, enquanto aquilo que aprendemos a separar de seus efeitos de significado. No amor, o que se visa, é ao sujeito como tal, enquanto suposto a uma frase articulada, a algo que se ordena ou pode se ordenar por uma vida inteira.

Nos casos abordados nesse trabalho, fica sugerido que é justamente os significantes que a fantasia masculina poderia supor ser a mulher, que são alvo privilegiado das agressões.

Nas parcerias amorosas haveria um espelhamento narcísico, uma busca por algo que se pudesse encontrar do Outro lado. Talvez a intensidade do amor nas relações conjugadas à agressividade seja proporcional à paranoia do Eu. E como disse Freud (1931/2019), todo grande amor está fadado em algum momento à decepção. A mesma decepção, fruto da relação filha, que o autor apontou como gérmen dos ciúmes e da agressividade mulher.

Essa perspectiva se fundamenta no comentário de Lacan (1972-73/2008b, p. 93) no qual, “quando se é homem, vê-se na parceira aquilo em que nos baseamos nós mesmos, aquilo em que a gente se baseia narcisicamente”. Uma vez que, do lado do gozo fálico, o homem busca uniformizar o corpo: nas modelagens de roupas, maquiagens, saltos, e outras coisas que são culturalmente atributos fálicos da mascarada utilizada pela mulher para recobrir a castração.

Nas brigas, rosto e ventre têm primazia nas agressões. E se nada disso for suficiente para aplacar a angústia provocada pelo desencontro com o Outro do sexo,

eliminar o corpo, destruir o objeto amado, pode surgir como uma saída mortífera. Configuração esta, que parece se relacionar à fantasia infantil, na qual o feminino encarna tanto a privação quanto a ameaça de destituir o órgão daquele que se julgou proprietário do falo.

Do outro lado, no gozo não todo, há uma mulher que pode ir se moldando à esta fantasia masculina para continuar amada, para oferecer justamente aquilo que ela não tem: a resposta ao enigma da falta, do que é ser uma mulher.

Outrossim, no encontro do par sexual, uma mulher pode ocultar a falta com o véu fálico, vestindo-se com a fantasia do outro. Esse fato clínico é denominado por Soler (2005) de mascarada masoquista. A mulher, ao bancar o lugar de objeto para o Outro, não o expressa como um fingimento, mas sim como um artifício, uma nuance “que sublinha que o ser para o Outro não pode realizar-se sem a mediação do semblante.” (Soler, 2005, p. 63).

Rafaela, por exemplo, se veste de ser fraca, ser queimada, ser a outra. Por outro lado, uma outra faceta fálica surge com a prisão do homem amado: uma mulher forte e decidida, que busca os direitos dele, que consegue o casamento civil e depois, um filho. Por isso, cabe advertir que “não se trata de se fazer uma mulher pobre, desprovida dos objetos que compõem a série fálica, mas de experimentar um amor tão total que chega a aniquilar tudo, *é a elevação do amor até a morte*” (BESSA, 2012, 138, grifo nosso).

Deste modo, o desencontro entre as parcerias sexuais pode ser compreendido na relação assimétrica com o objeto causa de desejo e as fantasias. E complementa Zalcberg (2008), que a fantasia do homem toma a mulher como objeto de seu fetiche e a fantasia da mulher, envolve o homem como objeto erotomaníaco no amor.

Com acento erotômico, uma mulher pode se entregar ao amor, sem fazer nenhum cálculo, sem a imposição dos limites que o falo instaura. Assim é possível encontrar casos como o de Rafaela, em que a manutenção própria da vida não faz borda ao gozo.

Com isto, Bessa (2012) faz uma indicação clínica que vale a pena destacar: uma parceria amorosa estabelecida nos moldes do *potlatch* poderia retornar como devastação para uma mulher. A psicanalista retoma Lacan, ao descrever que o homem poderia ser uma devastação para uma mulher, uma vez que, o amor na vertente do gozo não todo é sempre devastador. Explica assim, que o “falo enquanto

semblante opera como ponto de *capitonê* a esse gozo mortífero, ou seja, cessa de não se escrever. [...]” e que, portanto na mulher, “a reivindicação fálica também pode ser uma modalidade de devastação, porque o falo aí não cessa de não se escrever” (BESSA, 2012, p. 133).

A devastação no feminino é um dano subjetivo, como um sofrimento que desconhece os limites. O que confirma a hipótese de que se aproxima de algumas cenas encontradas em casos de violência doméstica, tal como se registrou em Rafaela.

Conforme Bessa (2012) o que pode devastar um sujeito é o gozo não todo, posto que a sexualidade feminina se estrutura em torno de um vazio, da ausência de “A mulher”. Desta forma, a travessia de uma análise, permitiria ao sujeito assentir com a inconsistência do Outro. A psicanalista ainda indica, que há um tempo de decifração na análise desses sujeitos:

É partir das voltas do dito que se produz um nome que cifra o indecifrável. Essa cifra fabrica o que estamos chamando de litoral, pois descreve um nome com função de letra que não se presta ao deslizamento significante. É quando o gozo não todo não mais se apresenta ao sujeito em sua dimensão mortífera (BESSA, 2021, p.150).

É por isso que, a verdadeira mulher em Lacan está atrelada ao ilimitado do gozo. Mas ela também está perdida, na medida que “ela sacrifica o que lhe é mais precioso com a finalidade de causar no homem um vazio que nada pode aplacar” (BESSA, 2012, 136). Perdida fora do todo, ela busca e exige no parceiro uma bússola, um sentido (MILLER, 2016). Podemos supor, que Rafaela encontrou uma barra ao ilimitado do gozo na lei do Outro, na mediação externa, vinda com a prisão do companheiro. Se a lei paterna vacila, o liame social (LACAN, 1972-73/2008b) pode ser uma saída simbólica para casos como os apresentados.

Nos casos atendidos que envolvem situações de violência por parceiro íntimo, nem sempre o relacionamento amoroso se apresentava como ponto principal da queixa da mulher. Por exemplo, foram encontradas mulheres que denunciam o companheiro com o objetivo de que, intermediado pela lei do Outro, ele ficasse “mais calmo”. Encontra-se uma cisão entre a violência infligida e o homem amado que a inflige. Ponto que importa destacar, à medida que alguns profissionais tendem a produzir uma equivalência entre a *demanda* da mulher e a *necessidade* de uma separação imediata. Neste momento, geralmente ocorrem as interpretações do

discurso social que sedimentam a subjetividade em quadrantes exclusivos, tais como mulher/vítima e homem/agressor.

Essa divisão entre o objeto amado e agressão infligida poderia estar relacionada à dupla falta na mulher, produto da castração e na dissimetria na lógica fálica. No caso apresentado, parece que a divisão encarna o corpo da outra mulher, que dá acento ao amor e justifica o ato violento: *ele bate em outra mulher, porque ela merece*. Soler (2005, p. 80) configura esse desarranjo da seguinte forma:

O ser fálico, única identificação que sustenta o ser mulher, sustenta-se no amor. Não é o que acontece com o homem, cuja virilidade se afirma pelo lado do ter, [...] O ser mulher sustenta-se duplamente no amor, na medida em que “ser amada” equivale a “ser o falo”, e na medida em que só se ama a partir da própria falta. Assim, podemos dizer: o amor, feminino.

Deste modo, a intrínseca relação entre amor, castração, fantasia e o objeto *a* pode fornecer alguns caminhos para refletir os casos que envolvem amor e agressão. No entanto, encontram-se situações em que o limiar da fantasia é ultrapassado, colocando a vida em risco exigindo maior atenção do analista.

Recorde-se aqui que o objeto *a* remete ao objeto perdido, ao objeto cujo reencontro a fantasia permite encenar. Por ser um objeto de satisfação, ele remete a uma parte perdida da pessoa, uma espécie de extensão do seu corpo que, uma vez restituída, tamponaria a falta - pelo menos, é isso que a fantasia permite supor. Daí as figuras destinadas a ocupar esse lugar na fantasia funcionarem como elementos que não opõem resistência, sendo inteiramente servis e dóceis ao desejo.

Evidentemente este é um cenário que, na maioria das vezes, se satisfaz apenas na fantasia, pois, em geral, o sujeito resiste em atuar a fantasia na realidade. Por exemplo, uma mãe que brinca com seu filho de mordiscá-lo, não irá devorá-lo de fato. Em correspondência, encontra-se na clínica casais que brincam de brigar: encenam ciúmes, traições, espancamentos ou pequenas humilhações, seja pelo prazer do chiste ou pela satisfação sexual. No plano da fantasia, supõe-se que seriam modos do sujeito lidar com a angústia que é produzida no encontro com o Outro. Posto que, a fantasia

[...] no forte sentido psicanalítico da palavra, não é um cenário subjetivo esperando e querendo ser realizado. Participa da realidade exatamente como fantasia. Em termos de psicanálise, as fantasias não são o oposto da realidade, mas seu suporte. O que impede a fantasia de se realizar não é simplesmente o nosso medo (“falta de coragem” ou outras considerações), mas acima de tudo o fato de que a fantasia cumpre plenamente o seu papel tal como é, como fantasia. É como fantasia que fornece o quadro que garante (para nós) a consistência de um determinado segmento da nossa realidade. (ZUPANČIČ, 2021, p.4-5, tradução nossa)⁷.

Dito isso, ultrapassar esse limiar da fantasia poderia implicar em uma passagem ao ato, justamente o que alguns episódios de violência contra a mulher extremos, como o feminicídio, parecem implicar e demandam maior atenção do analista. As histórias de amor e agressão geralmente ocorrem em uma espiral violenta progressiva, que persiste até o momento em que algo no plano da fantasia que enlaça o casal se modifica e o desencontro entre os sexos se intensifica.

É possível supor, que no caso de Rafaela, isso ocorreu quando o companheiro se “descobre” contaminado pelo vírus do HIV e com a suposta traição da esposa. Todavia, geralmente, as tentativas de extermínio da mulher ocorrem em paralelo à decisão *dela* de separação, que no caso apresentado, surge do lado da esposa. Aqui, o ideal da conscientização é pouco eficaz. Ao informar a mulher sobre os riscos que a relação atual impõe sobre a sua vida, ouve-se dela: “*ele não faria isso comigo...*”. Rafaela, mesmo ciente das agressões do companheiro dirigidas a ela e à esposa persiste na certeza de que ele jamais a mataria. É preciso estar atento, sem, no entanto, reduzir a escuta à queixa da urgência, que oculta relação do sujeito com a falta, tal como postula Lacan sobre o feminino.

Neste cenário, o processo analítico permite ao sujeito deslocar a intensidade e preponderância que uma determinada fantasia tem sobre a realidade subjetiva, construindo uma solução particularizada, não sendo desta forma, necessariamente a resposta que instituição credita a uma mulher. O trabalho com as fantasias é pertinente nesses casos, o que não significa em psicanálise, culpabilizar a mulher pelo ato violento que lhe é dirigido. Zupančič (2021) produz uma consideração

⁷ Fantasy, in the strong psychoanalytic meaning of the word, is not some subjective scenario waiting and wanting to get realized. It participates in reality exactly as fantasy. In terms of psychoanalysis fantasies are not the opposite of reality, but its support. What prevents fantasy from being fulfilled is not simply our fear (“lack of nerve” or other considerations), but above all the fact that fantasy fully fulfills its role such as it is, as fantasy. It is as fantasy that it provides the framework which guarantees (for us) the consistency of a certain segment of our reality.

precisa sobre esse trabalho, ao diferenciar o que está na ordem do inconsciente da concretização de uma fantasia propriamente dita:

[...] uma “realização da fantasia” pode ser, e geralmente é, totalmente devastadora para o sujeito. Porque ao ser “realizado” como conteúdo empírico, ele desaparece, desintegra-se como a moldura que até agora manteve nossa realidade coesa. É também por isso que o trabalho psicanalítico com as fantasias não consiste em fazer os sujeitos finalmente “realizá-las”, esgotá-las, mas em torná-las gradualmente inúteis em seu papel de formatar alguma realidade para nós e dar-nos sua consistência. Podemos doravante nos relacionar ou fazer parte dessa realidade de uma maneira diferente.⁸ (p.5, tradução nossa).

Portanto, a partir do exposto, conclui-se que nos casos de mulheres enredadas no roteiro de amor e dor, a travessia de um processo analítico pode permitir ao sujeito assentir com a inconsistência do Outro e com a estrutura da fantasia, de modo que cada uma possa, à sua maneira, lidar com a falta em si e a falta-a-ser. Esse processo demanda um tempo de decifração, que é justamente o desafio da analista na saúde pública. Como analistas na instituição, o direcionamento ético da análise está em sustentar o tempo necessário ao inconsciente, para que algo do desejo possa advir.

⁸ This is precisely why, as Žižek also insists, a “realization of fantasy” can be, and usually is, utterly devastating for the subject. Because in being “realized” as empirical content, it disappears, disintegrates as the frame that has so far held our reality together. This is also why psychoanalytic work with fantasies does not consist in making subjects finally “realize” them, carry them out, but in gradually making them useless in their role of framing some reality for us and providing its consistency. We can henceforth relate to or be part of this reality in a different way.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência contra a mulher, por sua incidência mundial e relevância social, tem levantado questões à psicanálise. Na nossa sociedade, há uma tendência a culpabilizar as mulheres que permanecem em relacionamentos violentos e algumas teorias colocam erroneamente a psicanálise no escopo de discursos que defendem essa tese abjeta.

Retornando aos fundamentos da psicanálise, encontrou-se que a tese da mulher masoquista se fundamentou na teoria de Krafft-Ebing, o qual fez uma curiosa distinção em relação ao suposto masoquismo na mulher. Sem ter casos para consolidar sua teoria, o psiquiatra alemão distingue a servidão voluntária ao sexo oposto, que seria expressão da natureza do feminino, do masoquismo propriamente dito, que seria uma exacerbação daquele fenômeno.

Ainda que Freud tenha sido influenciado pelo psiquiatra no início da psicanálise, seu ponto de partida é outro: os caminhos da pulsão e não do instinto. Tanto que todo o desenvolvimento da psicanálise freudiana é marcado pelos questionamentos do autor em relação ao masoquismo.

Primeiramente, Freud produz uma correspondência entre sadismo/atividade/masculinidade e masoquismo/passividade/feminilidade, tese que o próprio autor desconstrói com o avançar da teoria. No paradoxo produzido na introdução do conceito de masoquismo feminino no campo das perversões masculinas, parece que para o autor foi mais fundamental destacar a função da falta do que se ater ao adjetivo feminino naquele momento. Salienta-se que esta tese foi revisada por Freud nos textos sobre o complexo de Édipo na mulher. Há assim, um destaque do autor para a relação pré-ediânica da menina com a mãe e os efeitos da castração sobre a constituição da feminilidade. Ele circunscreve com êxito o campo do gozo fálico na mulher, já em relação ao campo do gozo não fálico, ele tem um vislumbre dos componentes ainda desconhecidos do feminino, nomeando-os como masoquismo.

A lógica fálica é seguida pelos psicanalistas pós-freudianos, no entanto, como resultado, algumas teses sedimentam a contraditória afirmação da mulher masoquista de Krafft-Ebing, produzindo uma confusão entre cultura, dor, perversão e feminilidade.

À época da fundação da psicanálise, havia um interesse considerável sobre as perversões sexuais, ou sobre tudo aquilo que fugia à norma sexual burguesa. Um ponto que chama a atenção é que as descrições minuciosas de Krafft-Ebing sobre a perversão e seus rituais sexuais, provavelmente inspiradoras para Freud, hoje em dia são temas banais, encontrados em abundância explícita na internet.

Com as transformações no campo da sexualidade, os fetiches de modo geral podem ser satisfeitos pela via da pornografia, em sites pagos de transmissão de sexo ao vivo ou pelo encontro consensual de pessoas por aplicativos de relacionamentos. Ou seja, ao passo que a cultura despatologiza determinadas práticas sexuais, isso repercute na alteração das fontes externas que incidem sobre o sofrimento humano. As perversões sexuais, por questões estruturais e culturais, dificilmente chegam aos consultórios como uma demanda de análise e provavelmente por isso, foram perdendo espaço de interesse para a psicanálise.

Já o tema da feminilidade, por outro lado, tem despertado a cada dia mais o interesse dos psicanalistas. É possível dizer, então, que as alterações na cultura possam modificar as formas de satisfação da fantasia e não sua estrutura fundamental. Esse é um dos pontos que serão discorridos por Lacan. O autor foi um crítico ao modelo psicanalítico que naturalizou a experiência da mulher com a dor.

Assim, Lacan introduz, para além do ter, a questão do ser o falo. Como a menina não tem nada a perder no encontro com a castração, ela pode buscar no desejo do Outro, formas de dar consistência ao seu ser. Por não ter o falo como regulador do gozo, na sexuação, uma mulher pode ter seu gozo em duas posições, uma fálica (todo) e outra não fálica (não todo).

Da relação entre gozo e falo, encontra-se uma expressão sintomática distinta entre os sexos: do lado do macho como sintoma e da fêmea como devastação. Há sim, um desencontro fundamental entre os sexos no registro da falta, que se ilustra nas relações amorosas e impossibilita a imaginária completude buscada pelo sujeito.

Por conseguinte, nesta pesquisa, o ponto de amparo foi uma vinheta clínica para ilustrar a repetição de cenas que entrelaçam roteiros de amor e dor, no contexto de trabalho denominado *clínica em trânsito*. Apesar da dramaticidade e excepcionalidade contida no caso, sua análise conduziu ao encontro com histórias semelhantes, das quais foi possível extrair alguns operadores conceituais.

Nos casos que envolvem violências, o amor poderia proporcionar à mulher uma imaginária completude. Ser completa tem a função de diluir os efeitos da castração e conseqüentemente, da própria violência vivida. Algumas mulheres, por estarem privadas do falo imaginário e sem a ameaça da castração podem ir muito além do campo do amor, dedicando-se com tanta devoção ao ponto de absterem-se de tudo, incluindo o próprio corpo e a vida.

Uma mulher, no gozo não todo, pode assim, se moldar à fantasia masculina, mascarando-se de masoquista para continuar amada, oferecendo ao Outro justamente aquilo que ela não tem. No entanto, essa posição fantasmática pode retornar na estrutura de uma devastação. Acreditamos que, em relacionamentos violentos, ambos os sexos podem dispor o gozo nessa estrutura de ser devastado pelo amor.

Assim, observou-se que a intensidade do amor nas relações conjugadas à agressividade poderia ser proporcional à paranoia do Eu, constituída na vida primitiva do sujeito. O que traria à cena a marca dos relacionamentos violentos: o ciúme paranoico. Se todo grande amor está fadado a uma grande decepção, parece que essa decepção pode advir como ritual violento, e se aproximar do que hoje se conhece como violência doméstica.

Na relação do sujeito com o falo se produzem as identidades sexuadas, que são formas de alienar o desejo ao Outro. A virilidade ou a feminilidade como semblantes serão respostas aos enigmas do encontro com o desmedido amor e com a sexualidade infantil que visam dar certa consistência à falta-a-ser. São produtos particulares, com recortes do discurso do Outro social que dita as regulações do gozo. Nos encontros atravessados por violências é possível pressupor que o casal está enamorado por suas identificações, pagando preço alto pela sua manutenção.

No trabalho dos casos que envolvem violências, acredita-se que esse desencontro entre os sexos é intensificado, indo para as margens do real e com pouco contornos simbólicos.

Assim, é possível afirmar que não existe um masoquismo especificamente feminino, não é disso que se trata em psicanálise. As posições do feminino no campo do amor estão relacionadas às fantasias construídas na relação com o Outro, como respostas ao enigma da sexualidade.

Um ponto que parece pertinente destacar, é que o amor em psicanálise, revela as construções fantasmáticas da vida pueril do sujeito. Ser amada, ser a

mulher para um homem pode ser uma forma de recobrir a castração e falta em si mesma, levando a mulher a consentir ser objeto de desejo do Outro e bancar essa fantasia masculina. Entre elas, ser a mulher que apanha, frágil, indefesa, burra...

No serviço público, nem sempre essa mulher busca uma análise, mas alguma coisa se demanda. O encontro com o analista pode ser um modo de criar fissuras nos ideais imaginários que recobrem o ser feminino daquele sujeito, abrindo-se um caminho para a decifração do sintoma. Não se trata de culpabilizar a mulher, ou ainda responsabilizá-la pelas violências que lhe são infligidas. É necessário estar atento ao tempo do inconsciente e às construções fantasmáticas daquele sujeito, uma a uma. Ouvir a outra cena que enlaça o sujeito nesta posição sintomática. Isto posto, nem sempre a melhor resolução para ela é uma separação, na medida em que não é esse o objetivo do analista. No percurso de uma análise, foram encontrados casos em que a mudança de posição subjetiva de uma mulher reordena as direções violentas daquele relacionamento. Esse é um dos aspectos para se pensar para esses casos. Não se pode negar os avanços consideráveis que as políticas públicas têm produzido na manutenção da vida das mulheres e de como os discursos sociais influenciam os contornos da fantasia individual. O que se quer é apenas ressaltar uma das faces que se pode compreender esses casos pelo viés da psicanálise.

Nos casos em que algumas mulheres permanecem enredadas em uma história de amor e dor, poderia tratar-se de uma forma de lidar com a castração, identificando-se ao falo imaginário e buscando no amor, uma forma de dar consistência ao ser. Ouve-se com certa frequência, que a mulher quer denunciar a violência e não o parceiro. Ou seja, não é que a mulher consinta com a agressão, ou se satisfaça no ritual violento. O que ocorre é uma cisão entre amor dirigido ao homem e os atos que ele produz. Frases como: *ele me bate, mas é bom pai; ele é uma ótima pessoa, só muda quando bebe...* são formas que ilustram essa cisão entre ser uma mulher amada e estar agredida. Para ser amada, uma mulher pode consentir com cenas trágicas, desde que ela seja única, como Rafaela. Ser surrada aqui, poderia ser uma insígnia do ser amada.

Ainda que não seja o objeto desse estudo, pode-se afirmar que o mesmo poderia acontecer nos casos de homens violentos. No entanto, com menos frequência, à medida que por questões sociais e estruturais, os ideais de virilidade, por estarem assentados no universal fálico, são também menos questionados pelo

Outro social. O que, no entanto, não deixam de ter sua importância a ser considerada. Acredita-se que seriam pertinentes mais estudos clínicos sobre a devastação no masculino, em casos nos quais a estrutura da fantasia é ultrapassada e se precipita uma tentativa de feminicídio.

Além disso, ao empreender uma pesquisa sobre o feminino pôde-se observar que ainda há lacunas na psicanálise sobre o tema da violência contra a mulher no Brasil e que mais estudos com casos clínicos devem ser apropriadamente importantes para se avançar nessa temática.

Relacionamentos violentos, têm como característica em comum um apaixonamento sintomático pelos semblantes, sempre imaginários, dos ideais de masculinidade e feminilidade. Discursos sociais, como diria Lacan, sempre não-todos.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, S. **O que quer uma mulher?** 2o ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- BESSA, G. DE L. **Feminino: um conjunto aberto ao infinito.** Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2012.
- BROUSSE, M.-H. **Mulheres e discurso.** Rio de Janeiro: Contra-capa, 2019.
- BUCHAÚL, S. **Investigações sobre o masoquismo na teoria freudiana.** 116 f. Dissertação – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- CERQUEIRA, D. (Coord.). **Atlas da violência 2020.** [Brasília]: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2020. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020>>. Acesso em: 23 Jun. 2021.
- CHASSEGUET-SMIRGEL, J. **Sexualidade feminina: uma abordagem psicanalítica contemporânea.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- DELEUZE, G. **Sacher–Masoch: Lo frío y lo cruel.** Buenos Aires: Letra E, 2001.
- DEUTSCH, H. *The Psychology of Women Vol-II.* New York: Grune & Stratton, 1945. Disponível em: <<https://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.187627/page/n1/mode/2up>> Acesso em 23 Set. 2021.
- FIGUEIREDO, L. C.; MINERBO, M. Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo. **J. psicanal.**, São Paulo, v. 39, n. 70, p. 257-278, jun. 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100017&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 12 Jan set. 2020.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006.
- FREUD, S. A feminilidade (Conferência XXXIII) (1933). **Amor, sexualidade, feminilidade.** (Obras incompletas de Sigmund Freud). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019a.
- FREUD, S. Além do princípio de prazer (1920). In.: FREUD, S. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente, volume II:1915-1920.** Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FREUD, S. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1923). In.: FREUD, S. **Amor, sexualidade, feminilidade.** (Obras incompletas de Sigmund Freud). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019b.
- FREUD, S. “Batem numa criança”: contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais (1919). In.: FREUD, S. **História de uma neurose infantil: (“o**

homem dos lobos”): além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). São Paulo: Companhia das letras, 2010.

FREUD, S. Dois verbetes de enciclopédia (1923). In.: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, Edição Standart brasileira. v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

FREUD, S. O problema econômico do masoquismo (1924). **Escritos sobre a psicologia do inconsciente, volume III: 1923-1938**. Rio de Janeiro: Imago, 2007.

FREUD, S. Pulsões e destinos da pulsão (1915). In.: FREUD, S. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente, volume I: 1911-1915**. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

FREUD, S. Sobre a sexualidade feminina (1931). In: FREUD, S. **Amor, sexualidade, feminilidade**. (Obras incompletas de Sigmund Freud). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019c.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In.: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, Edição Standard brasileira. v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.

GORDON, A. R. Marie Bonaparte: princesa e psicanalista. **Jornal de Psicanálise**, v. 42, n. 77, p. 107–121, 2009. São Paulo. Disponível em: <encurtador.com.br/esLO4>. Acesso em: 16 Nov. 2019.

IANNINI, G.; TAVARES, P. H. Sobre amor, sexualidade, feminilidade. In.: FREUD, S. **Amor, sexualidade, feminilidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

KRAFFT-EBING, R. VON. **Psychopathia Sexualis: avec recherches spéciales sur l'inversion sexuelle**. (1895) [Ebook] USA: Project Gutenberg, 2008. Disponível em: < <https://www.gutenberg.org/ebooks/24766>> Acesso em: 23 Set. 2021.

LACAN, J. Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina (1960). **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. **O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1957-58)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LACAN, J. **O Seminário, livro 10: a angústia (1962-23)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LACAN, J. **Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais (1964)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008a.

LACAN, J. **O Seminário, livro 14: a lógica do fantasma (1966-67)**. Recife: Centro de estudos freudianos do Recife/Publicação interna da Association Lacanienne Internationale, 2008b.

LACAN, J. **Seminário, livro 20: Mais, ainda**. Rio de Janeiro, Zorge Zahar. 2008c.

LAURENT, É. **A psicanálise e a escolha das mulheres**. Belo Horizonte: Scriptum, 2012.

LAURENT, É. **A sociedade do sintoma: a psicanálise, hoje**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2007.

LAURENT, É. **Posiciones femeninas del ser: del masoquismo femenino al empuje a la mujer**. Buenos Aires: Tres Haches, 1999.

MILLER, J. Uma partilha sexual. **Opção Lacaniana online**, ano VII, Julho 2016. Disponível em: <<http://www.opcaolacaniana.com.br/nranterior/numero20/texto1.html>> Acesso em 22 Set. 2021.

NOGUEIRA, P. C. A pesquisa em psicanálise. **Psicol. USP** 15 (1-2) • Jun 2004. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642004000100013>. Disponível em: <<https://support.microsoft.com/pt-br/office/remover-ou-desabilitar-hiperlinks-027b4e8c-38f8-432c-b57f-6c8b67ebe3b0>> Acesso em 23 Set. 2021.

ORGANIZAÇÃO PAN AMERICANA DE SAÚDE (OPAS). **Folha informativa - Violência contra as mulheres**. Brasília [2020] Disponível em: <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5669:folha-informativa-violencia-contra-as-mulheres&Itemid=820>. Acesso em: 19/12/2020.

PEREIRA, M. E. C. Krafft-Ebing, a Psychopathia Sexualis e a criação da noção médica de sadismo. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 12, n. 2, p. 379–386, 2009. São Paulo.

SOLER, C. **O que Lacan dizia das mulheres**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

TEIXEIRA, M. R. **A feminilidade na psicanálise e outros ensaios**. Salvador: Ágalma, 2020.

TENDLARZ, S. E. El masoquismo femenino según los post-freudianos. **El Caldero**, v. 33, 1997. Buenos Aires. Disponível em: <shorturl.at/rDTV6>. Acesso em: 17 Nov. 2019.

THE WORLD BANK GROUP. **O Combate à Violência contra a Mulher (VCM) no Brasil em época de COVID-19**. [Washington]. Disponível em: <<https://www.worldbank.org/pt/country/brazil/publication/brazil-addressing-violence-against-women-under-covid-19>>. Acesso em: 19 Nov. 2020.

ZALCBERG, M. **Amor paixão feminina**. Rio de Janeiro, Elsevier, 2008.

ŽIŽEK, S. **Violência: seis reflexões laterais**. São Paulo: Boitempo, 2014.

ZUPANČIČ, A. A-sexual Violence and Systemic Enjoyment. **Penumbra A Journal of Psychoanalysis and Modernity**, Buffalo, n. 1/Sexual Violence, Center for the Study of Psychoanalysis & Culture at the University at Buffalo, SUNY, 2021.